

roteiro TURÍSTICO V

MARCAS QUE MARCAM...
O MUNDO DENTRO DA VISTA ALEGRE

SABIA QUE...
O MAIOR FAROL DA EUROPA
FICA AQUI À PORTA?

**CONHEÇA A
PONTE EM PEDRA**
MAIS ALTA DO PAÍS



Albergaria

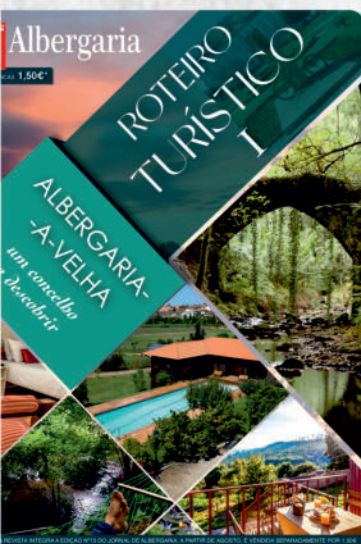
ESTA REVISTA INTEGRA A EDIÇÃO Nº164 DO JORNAL DE ALBERGARIA, A PARTIR DE AGOSTO, É VENDIDA SEPARADAMENTE POR 2,00€

Aventure-se pelas páginas dos nossos roteiros turísticos

Sério? Tenho quase todos...
só me falta o III.



O novo roteiro turístico do
Jornal de Albergaria já saiu!



Ótimo! Quero mesmo
completar a coleção!



Podes levantar no escritório ou
adquirir a versão digital no nosso site.

COLECIONE MEMÓRIAS:

Complete a coleção!

Versão impressa limitada ao stock existente.



Gambas e Mexilhões



Peixe fresco Grelhado



Filetes de Polvo



Enguias Fritas



Espetada Terra e Mar



Feijoada de Marisco



Bife à Marinhas



Mariscos Diversos

☎ 234 197 679 · 📞 910 225 370

✉ geral@restaurantemarinhas.pt

Rua da Cavalaria 5, nº 4 • Barrocas
3800-351 Aveiro

Índice

ROTEIRO TURÍSTICO 2025

Roteiro Turístico na sua 5ª edição, integra a edição 164 do Jornal de Albergaria. A partir de agosto de 2025 é vendida separadamente por dois euros.

FICHA TÉCNICA

Propriedade do título: Paulo Simões
Editora: Resumo Próprio, Comunicação Unip. Lda
Diretora Geral: Cecília Dias
Diretor Editorial: Paulo Simões (TE616A)
Redação e Publicidade: Rua Dr. Manuel Marques Lemos Nº 5B r/c. 3850-151 Albergaria-a-Velha
Site: www.jornaldealbergaria.pt
Email: geral@jornaldealbergaria.pt
Estatuto editorial disponível em: www.jornaldealbergaria.pt
Impressão: LUSOIBÉRIA - Avenida da República, Lisboa
Depósito Legal: 438636/18
ERC Registo n.º: 127085
Marketing e Publicidade: Virgínia Nunes; Carla Matos; Adriana Lopes
Gestores de Comunicação: Beatriz Ribeiro (C.P. 8637) Beatriz Quaresma (T.P.E. 647)
Paginação e Design Gráfico: Cecília Dias

ALBERGARIA-A-VELHA

Sentinela da memória no coração da cidade.....	pág. 6
Antiga Casa do Professor	
Refúgio de Natureza, Tradição e Saber.....	pág. 10
Uma história que gira sem parar.....	pág. 14
Trilhos, com beleza natural “certificada”.....	pág. 21

ÁGUEDA

Núcleo Museológico, uma ode à Linha do Vouga	pág. 24
Vouguinha, todos a bordo no carris da História.....	pág. 27
Parque de Alta Vila	
Pulmão da Cidade dos Guarda-Chuvas.....	pág. 32

ANADIA

Viagem ao glamour dos anos 20 no coração da Bairrada	pág. 36
--	---------

MEALHADA

Palácio do Buçaco	
Uma jóia romântica no meio da serra.....	pág. 39

SANTA MARIA DA FEIRA

Guardião da história de Portugal.....	pág. 43
---------------------------------------	---------

SEVER DO VOUGA

Ecopista do Vouga	
Nascida da Vontade Coletiva Intermunicipal.....	pág. 46
Cartão-postal de Sever do Vouga a monumental Ponte do Poço de Santiago.....	pág. 49
Praia fluvial da Quinta do Barco, Lazer para Todos.....	pág. 52

ÍLHAVO

Palheiros da Costa Nova Riscas, memória e mar	pág. 54
Farol da Barra, o maior da Europa.....	pág. 56
Museu Marítimo de Ílhavo e Navio-Museu Santo André	
A água como contadora de histórias.....	pág. 57

Fábrica da Vista Alegre

Luxo, trabalho e legado com 200 anos de história.....	pág. 59
---	---------

AVEIRO

Antiga Casa da Capitania de Aveiro Centro de Congressos	
Museu de Arte Nova	pág. 62
Antiga Estação de Comboios uma pérola azulejar.....	pág. 64
Sé de Aveiro	
Igreja que resiste ao fogo, ao tempo e à história.....	pág. 65
Museu de Santa Joana	
lugar de muitas histórias.....	pág. 66

Vá para fora cá dentro: o slogan que fez história

"O mundo é um livro, e aqueles que não viajam lêem apenas uma página"

— Santo Agostinho

Viajar não é apenas visitar novos lugares: é descobrir histórias, sentir texturas, saborear tradições e deixar que cada destino nos transforme. Nesta edição, convidamo-lo a percorrer páginas que são também portas abertas para territórios cheios de identidade, memória e beleza.

Do património secular que atravessou incêndios, mudanças e séculos, aos museus que preservam a alma de quem por ali passou, cada detalhe revela a relação profunda entre pessoas e lugares. Há edifícios que nasceram para guardar fé, outros para proteger saberes; alguns reinventaram-se sem perder a essência, transformando-se em centros culturais ou espaços que hoje acolhem quem quer conhecer mais de perto o coração de cada cidade.

Entre roteiros de arte nova, conventos onde ecoam lendas de santidade e miradouros que convidam a ver o presente com olhos de passado, mostramos também sabores locais, tradições artesanais e recantos menos conhecidos que merecem ser descobertos.

Nesta viagem, queremos inspirar cada leitor a parar, observar e sentir. Que cada página seja um convite para sair, para se perder nas ruas, para ouvir histórias contadas por quem lá vive.

Parta connosco à descoberta de património vivo, de memórias gravadas em pedra, azulejo e madeira. Descubra, fotografe, experimente — e, acima de tudo, sinta. Porque viajar é muito mais do que ver: é deixar-se tocar pelo que faz de cada lugar algo único.

Viva esta experiência. Descubra connosco.

Paulo Jonas Simões

Diretor

SENTINELA DA MEMÓRIA NO CORAÇÃO DA CIDADE

O Torreão é um espaço onde Albergaria-a-Velha se revela do alto: património, miradouro e parte da Biblioteca Municipal.



No coração de Albergaria-a-Velha, ergue-se uma torre que parece sussurrar segredos a quem ousa subir. Entre salas que respiram arte e corredores forrados de livros, descobre-se um miradouro onde o presente se encontra com o passado — e a cidade revela-se de um ângulo que poucos conhecem.

Texto e fotografia por: Beatriz Quaresma



Há edifícios que se fazem de pedra e memória. Outros, são um convite à descoberta — um daqueles lugares onde a história se entranha nas paredes, e o passado se cruza com o presente. No coração da cidade de Albergaria-a-Velha, o antigo castelo e palacete da Quinta da Boa Vista esconde o Torreão. Imponente e elegante, ergue-se como uma sentinela do tempo, com janelas adornadas, granito, azulejos meticulosamente colocados nas paredes exteriores, e uma torre voltada para a cidade e para as serras do concelho. Hoje, o acesso a este miradouro faz-se pela Biblioteca Municipal — instalada no palacete desde 2013 — e é um percurso que mistura cultura, arte e história, passando por salas de inegável valor patrimonial, como a das Quatro Estações ou o Salão Nobre.

A história da Quinta da Boa Vista remonta ao final do século XIX, quando o capitalista João Patrício Álvares Ferreira, homem de visão e ambição, decidiu transformar uma herdade familiar num lugar singular para descanso. Era uma propriedade com boa orientação solar e uma vista desafogada sobre as paisagens montanhosas verdejantes, o que já em 1895 motivou João Patrício a adquirir os terrenos.

Com projeto do arquiteto Joaquim António Vieira, o palacete e o torreão foram erguidos com linhas ousadas e pormenores cuidados. O rés-do-chão destinava-se inicialmente a uma farmácia, e a parte acastelada seria uma espécie de corpo anexo, mas marcante. A própria fachada ostenta com orgulho a data de 1900, inscrita num frontão decorativo.

Antes de se tornar residência privada, o edifício original serviu funções muito distintas. Em tempos, ali funcionou o Real Hospital de Albergaria e, mais tarde, o Tribunal Judicial do Julgado de Albergaria-a-Velha. Quando João Patrício adquiriu a propriedade em hasta pública, o edifício estava degradado. Mas, com mão firme, iniciou a reconstrução em 1897, chegando até a pedir autorização para ocupar parte da estrada real com materiais de obra.

A torre que hoje atrai visitantes curiosos, foi também parte desse processo de reabilitação e reinvenção. Passou por vários donos e períodos de uso e desuso, até ser novamente adquirida pela Câmara Municipal no final do século XX.

O Torreão faz parte do complexo da Biblioteca Municipal de Albergaria-a-Velha. Um exemplo de reabilitação patrimonial, onde a identidade histórica foi cuidadosamente preservada, mas adaptada às exigências da contemporaneidade. A fachada foi man-



No interior do Torreão, descobre-se este mural que retrata a vida rural de outros tempos — um tesouro artístico que faz parte do património de Albergaria-a-Velha.



A visita ao Torreão pode ser feita sob marcação com os técnicos da biblioteca.

tida, elementos decorativos protegidos, e um novo corpo foi acrescentado de forma harmoniosa, divisão que abriga milhares de livros.

LUGAR DE CULTURA

Durante o ano, a entrada no Torreão pode ser feita sob marcação com os técnicos da biblioteca presencialmente ou online através do e-mail biblioteca@cm-albergaria.pt. Em épocas festivas — como no Albergaria ConVida ou no Festival Pão de Portugal, dois eventos âncora da cultura local — o espaço abre-se a todos, de forma gratuita. É nessa altura que ganha nova vida, misturando o encanto da sua arquitetura com o bulício da gastronomia, da música e do artesanato.

Subir ao Torreão é subir ao imaginário de Albergaria-a-Velha. Lá do alto vê-se mais de um século de história moldado em pedra que hoje adorna o centro urbano.



INOUT TRAVEL

VALE DE CAMBRA 212025 000 964024104 INOUT-TRAVEL.PT



Agência de viagens

focada na experiência, no detalhe, na emoção!

Aqui colecionamos momentos!



Alojamento Rústico

caloroso e com vistas de perder o fôlego

O seu refúgio no coração da montanha."

Faça a sua reserva

VALE DE CAMBRA 212025 000 964024104 964024104 L4.TURISMO@VALE-DE-CAMBRA.COM

ANTIGA CASA DO PROFESSOR

Refúgio de Natureza, Tradição e Saber

Texto e fotografia por: Beatriz Ribeiro



FOTO: istockphoto

Uma das atividades mais procuradas, o Trilho Sensorial do Centro de Interpretação da Pateira de Frossos convida os visitantes a tirarem os sapatos e a descobrir, com o toque dos pés, as texturas e segredos dos diferentes solos que contam a história da Pateira.

Uma experiência única que liga corpo, mente e natureza: ativa a circulação, reduz o stress e fortalece o equilíbrio!

Pub. _____



**Casa de
Petiscos Regionais**

"Quem não arrisca, não petisca"

234 013 041 · Rua Comendador Augusto Martins Pereira, 78 | 3850-612 Frossos



Já foi Câmara Municipal, cadeia da Vila de Frossos (1714) e registo civil nos tempos em que Frossos era sede de concelho. A antiga Casa do Professor, por ser residência de um casal de professores, foi reabilitada para albergar o Centro de Interpretação da Pateira de Frossos, que já vai com três anos de atividades que casam a tradição dos antigos com a preservação ambiental.

O Centro, para além de funcionar como posto de informação turístico, acolhe uma panóplia de recursos lúdicos e educativos que fazem as delícias dos mais novos e lembram os adultos do gosto de meter os pés na terra – literalmente. A Horta pedagógica do espaço quer ensinar através do mexer e promove a produção biológica de produtos hortícolas, uma alimentação saudável e ensina sobre agricultura.

O Trilho sensorial, também no espaço ao ar-livre do Centro, simula os diferentes solos da Pateira de Frossos e convida a que os experimente de pés descalços. A própria sede também está aberta a visitas, com exposições temporárias ao longo do ano, dedicadas a temas como a biodiversidade da Pateira, ferramentas tradicionais da agricultura ou gentes que marcaram Frossos. Esta é igualmente uma oportunidade para conhecer um pouco da história local.

O espaço acolhe ainda um viveiro com sementeiras de espécies autóctones, um charco, um hotel de insetos onde podem repousar sem se preocuparem com a ameaça humana, um compostor, um jardim de borboletas e uma zona de jardinagem com flores e ervas aromáticas.

CONHECER AO DETALHE

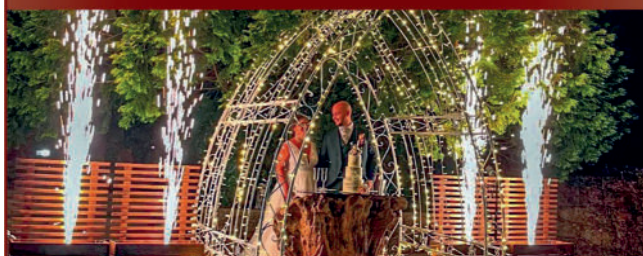
A Observação de Aves em Albergaria é um dos principais atrativos do Centro de Interpretação da Pateira de Frossos. São 83 espécies identificadas, entre as quais a Cegonha, Milhafre-preto e Águia-de-asa-redonda. A atividade é acompanhada por um biólogo e pode ser agendada, todos os anos, na época de abril a outubro.

Ao longo do ano, o espaço dinamiza dezenas de atividades dedicadas à promoção de educação ambiental e descoberta da natureza, como formações, exposições temporárias e workshops práticos sobre agricultura, artesanato, culinária, entre outros temas.

O Centro convida os alunos do 1º ciclo ao Secundário, e a comunidade em geral, a que, em qualquer altura do ano, se aventurem a aprender no terreno. Para tal, propõe uma série de atividades originais e adaptadas ao grupo inscrito, seja para explorar a natureza como um verdadeiro detetive, realizar um Passeio Interpretativo de Borboletas ou um percurso dedicada às Libélulas e Libelinhas.

Quinta Progresso

ADORÁVEL
HOTEL HISTÓRICO



Hotel e alojamento

Macieira de Cambra
Vale de Cambra, Portugal

256 410 890

quintaprogresso@sapo.pt

Da antiga Casa do Professor nasceu um tesouro de experiências para todos os sentidos: um hotel de insetos, workshops, exposições variadas ao longo do ano, um trilho sensorial para sentir a natureza com pé descalço e uma horta que ensina a partir do exemplo.



Descubra tudo o que o Centro de Interpretação da Pateira de Frossos tem para oferecer!

**Atividades, visitas guiadas,
oficinas e muito mais.**



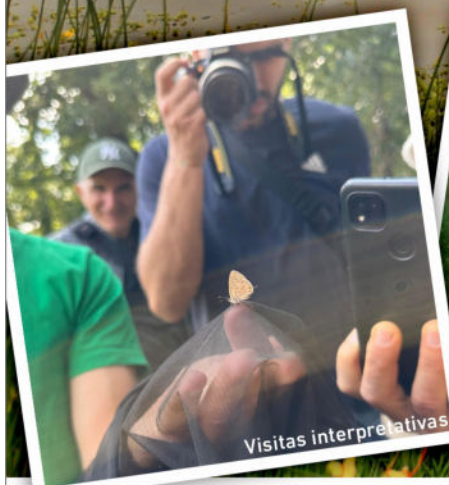
Aproxime a câmara e explore!





CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA
PATEIRA DE FROSSOS

ONDE A *Natureza* E A *Cultura* SE *encontram*



ATIVIDADES DISPONÍVEIS:

- PASSEIOS DE BICICLETA
- PERCURSOS PEDESTRES
- VISITAS INTERPRETATIVAS (FAUNA, FLORA, HABITATS)
- OFICINAS PEDAGÓGICAS
- JOGOS DIDÁTICOS
- HORTA PEDAGÓGICA
- WORKSHOPS E FORMAÇÕES

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO PATEIRA DE FROSSOS

Telefone: +351 234 098 736 Chamada para a rede fixa nacional

Telemóvel: +351 910 352 836 Chamada para a rede móvel nacional

Email: ci.pateira.frossos@cm-albergaria.pt

GPS: 40°39'33.6"N 8°32'12.2"W

**Serviço de Turismo da Câmara Municipal
de Albergaria-a-Velha**

turismo@cm-albergaria.pt

+351 234 529 300* | +351 234 529 751*

* Chamada para a rede móvel nacional

Uma história que gira sem parar...

Texto editado por: Beatriz Ribeiro

Em Albergaria-a-Velha, os moinhos permanecem como guardiões silenciosos de uma herança centenária. Entre rios e ribeiras, estas construções revelam a engenhosidade das gentes que, ao som da água a correr, transformaram trabalho em tradição e memória viva.

Era ali que se moía o cereal para o pão do dia-a-dia, se preparava alimento para o gado e até se descascava arroz. A maioria destes moinhos era movida pela força da água — mas em Albergaria-a-Velha existe também um raro moinho movido a sangue, único no país. São testemunhos vivos de uma tradição que moldou gerações. São mais de 360 moinhos inventariados — quase um para cada dia do ano — Albergaria-a-Velha é o concelho europeu com maior número de moinhos registados, o que faz deste património um verdadeiro ex-líbris local. Muitos estão em ruínas, mas a Rota dos Moinhos de Albergaria quer valorizar os que permanecem ativos, incentivar a preservação e inspirar locais e visitantes a reabilitar os que o tempo quase parou.

Atualmente, esta rota inclui 11 núcleos, reunindo 14 moinhos e 19 casais de mós, distribuídos pelas freguesias do concelho. Construídos sobretudo nos séculos XVIII e XIX, foram erguidos com materiais locais e aproveitam a força hídrica desviada por levadas, conduzida até ao cubo, onde a água, em queda, faz girar o rodízio de madeira que move as mós. Muito mais do que simples estruturas, eram o centro da vida comunitária rural: garantiam farinha para o pão, broa e alimento para o gado. “Albergaria-a-Velha é uma terra de tradições feitas de água, pão e moinhos”, resume a autarquia. Explore esta rota e descubra um património único que faz girar, até hoje, a memória e a identidade de um concelho.

Pub. _____



ALMOÇOS • JANTARES • PIZZARIA
LANCHES • PETISCOS • VINHOS

ESPECIALIDADES:
Naco de Vitela na Pedra • Vitela Assada à Lafões

☎ 232 772 715

Largo do Cruzeiro, Nº96 | 3670-095 Fataunços - Vouzela





solar do alambique

O Solar do Alambique, Lda. está instalado num edifício cuidadosamente recuperado, onde houve a preocupação de criar novos espaços e comodidades, sem deixar de preservar todas as características das grandes casas do final do século XIX.

Com uma destilaria em funcionamento, um local de trabalho, de convívio e de reencontro anual de quem mantém tradições, o Solar do Alambique é, também, uma unidade de turismo rural, com alojamento e pequeno-almoço, que oferece aos seus utentes a livre utilização da piscina, jacuzzi, ginásio e bicicletas e tem um apartamento adequado a pessoas com mobilidade reduzida.

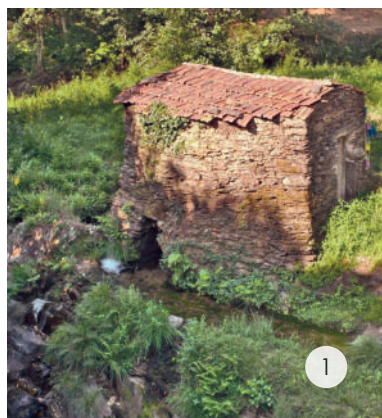
A realização de eventos – reuniões de trabalho, debates e conferências, encontro de amigos, almoços e jantares de grupo, baptizados e casamentos – é uma das apostas da gerência e tem sido bem apreciada por quem já teve oportunidade de usufruir das comodidades e dos espaços: salão, adega, sala da piscina e jardim.



234 918 014 | 919 175 955



soldoalambique.angeja@gmail.com • Rua António Castilho, N°4 | 3850-405 ANGEJA



1



2



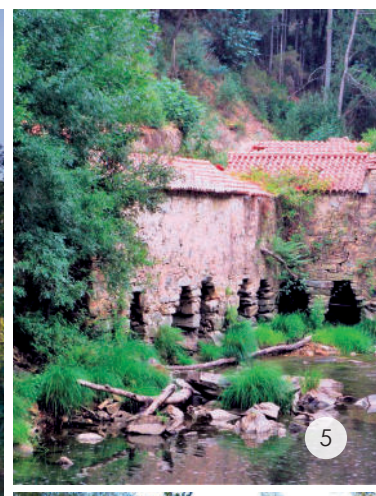
3



10



9



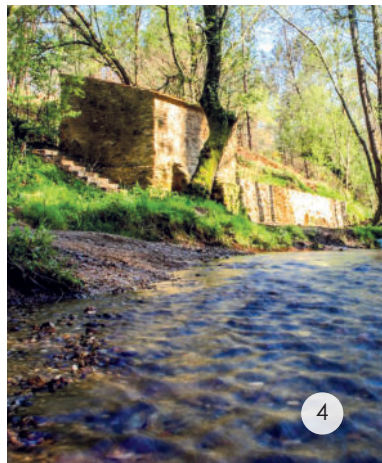
5



6



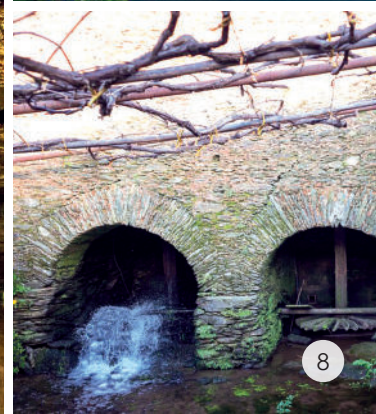
7



4



11



8

1 - MOINHOS DO REGATINHO

Moinho da Quingosta e Moinho do Silva, com um casal de mós cada, são acionados pelo Rio Fílveda e encontram-se no núcleo mais antigo de Vilarinho de S. Roque. Os donos eram pequenos e médios lavradores, que os usavam de forma regular mediante uma escala de horas previamente acordada. Atualmente continuam a ser utilizados por alguns dos habitantes da aldeia, que aqui moem farinhas para os animais ou para a cozedura de broa e outros produtos tradicionais, como as papas de carolo.

Localização: Vilarinho de São Roque, Ribeira de Fráguas

N 40° 45' 28.45" W8° 25' 19.91"

2 e 3 - MOINHO DE BAIXO E MOINHOS DA QUINTA DA RIBEIRA

O Moinho de Baixo tem um único casal de mós acionado pelas águas do Rio Fílveda e remonta pelo menos ao século XIX, tal como os Moinhos da Quinta da Ribeira, um conjunto de dois moinhos de rodízio. Os três elementos de património molinológico foram adquiridos e recuperados pelo Rancho Folclórico da Ribeira de Fráguas, que hoje levam, em dias especiais ou por marcação, os visitantes a conhecer as relíquias.

No de Baixo moía-se essencialmente o milho antigo de grão mais claro, cultivado nos campos da aldeia, e mais esporadicamente o trigo e o centeio para a feitura do “pão nosso de cada dia”. Nas imediações desta unidade moageira, ao longo das margens do Ribeiro, cultivava-se a vinha e, segundo alguns relatos, também se moía a grainha das uvas e os resíduos secos do bagaço, utilizados na alimentação dos porcos de criação doméstica.

A montante encontram-se os Moinhos da Ribeira, cuja visita é excelente pretexto para um agradável passeio ao longo das margens do rio, apreciando a beleza natural deste espaço. São ambos moinhos de consortes ou de herdeiros, originalmente pertencentes a várias

famílias de Ribeira de Fráguas, que dividiam a sua utilização horária da água.

Localização: Parque dos Moinhos de Ribeira de Fráguas

Moinho de Baixo N 40° 44' 38.64" W8° 26' 19.07"

Moinhos da Quinta da Ribeira N 40° 44' 38.64" W8° 26' 19.07"

4 - MOINHO DO PORTO DE RIBA

Moinho de rodízio com dois casais de mós acionados pelas águas do rio Jardim, o único rio que atravessa a freguesia da Branca. A construção remonta pelo menos ao séc. XIX. O moinho foi adquirido e recuperado pela APPACDM de Albergaria, com sede no lugar de Soutelo.

Além da moagem do milho, também se moía a “brença”, nome dado aos cachuchos (caroços) mais pequenos do milho que eram recolhidos à saída do esclarador. Moía-se ainda uma mistura de milho e aveia para alimentação dos animais de criação. Próximo dos campos do Baixo Vouga, este moinho era usado para o descasque do arroz, onde era rica a sua plantação, utilizando-se para tal uma forra de cortiça entre as mós do moinho.

Localização: Branca, Soutelo

Coordenadas: N 40° 44' 30.75" W8° 30' 56.67"

5 - MOINHOS DA FREIRÔA

Devido ao caudal das suas águas e ao carácter permanente das mesmas, o Rio Caima foi o local escolhido desde tempos remotos para a instalação de moinhos. As cerca de cinco dezenas de moinhos e duas centenas de casais de mós existentes neste rio eram usados não só pelos moleiros do concelho como por outros vindos de freguesias vizinhas, que chegavam pelo Caminho dos Moleiros, do qual ainda se preservam alguns troços.

O núcleo da Freirôa, para além de ser um dos maiores dimensões, é também um dos mais antigos. No auge da sua atividade tinha 14 casais de mós dis-

Pub. _____



MEDIALBA
MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA UNIPessoal, Lda
6352-AMI

*Excelência, Experiência, Persistência,
Motivação e Determinação*

ISAURA MARRINHAS
966 967 591

A vida é feita de escolhas!



234 522 924 • isaura@medialba.net • WWW.MEDIALBA.NET
Rua da Azerveira, Nº20 | 3850-151 Albergaria-a-Velha

tribuídos por várias casas de moinho e anexos. Estes últimos eram usados como arrecadações e currais, para guardar sacos de grão e farinha ou abrigar animais que auxiliavam os moleiros no transporte de bens.

Os Moinhos da Freirôa são um complexo moageiro de características ímpares a nível regional.

Localização: freguesia da Branca

N 40° 43' 25.46" W8° 28' 03.57"

6 - MOINHO DO CHÃO DO RIBEIRO

Moinho de rodízio com um único casal de mós acionado pelas águas do Ribeiro de Mouquim. Era uma unidade que originalmente pertencia a várias famílias da aldeia. Os donos eram pequenos e médios lavradores, que o usavam de forma regular mediante uma escala de horas previamente acordada.

Mais recentemente foi adquirido e recuperado pela Junta de Freguesia local, continuando ao dispor da população, que ao retomar as suas idas ao moinho para moer o cereal, mantém vivo este património e preserva uma parte importante da herança cultural da aldeia.

Localização: Albergaria-a-Velha e Valmaior, Mouquim

N 40° 41' 49.97" W8° 26' 17.49"

7 - MOINHO DO TI' MIGUEL

Moinho de rodízio com 3 casais de mós acionados pelas águas da Ribeira do Fontão, estando em funcionamento dois casais. O moinho pertencia a um moleiro profissional, devido ao número de casais de mós e casa de moleiro adjacente.

No lugar, e ao longo de cinco quilómetros da Ribeira do Fontão, existem vestígios e conhece-se a existência de 21 unidades, na sua maioria de média dimensão, entre 3 e 6 casais de mós. Daqui partia um dos principais troços do Caminho dos Moleiros, que ligava aos moinhos do Rio Caima.

Recentemente, o moinho foi adquirido por Jonathan Lovell, cientista na área da neurociência de animais aquáticos, apaixonado por Portugal. 'Joe' ou 'O Inglês', como foi apelidado pela população, mantém contacto com Joaquim Almeida, antigo proprietário e neto de quem deu nome à peça de património local e regional.

Localização: Angeja, Fontão

N 40° 40' 11.00" W8° 31' 22.31"

8 - MOINHO DA COVA DO FONTÃO

Moinho de rodízio originalmente com quatro casais de mós, sendo que atualmente somente três se encontram em funcionamento. A sua construção remonta ao séc. XIX, tendo ao longo dos tempos aqui habitado e exercido a sua atividade várias gerações de moleiros. No seu anterior sente-se a autenticidade de aqui se ter moído até aos nossos dias o moleiro mais antigo do concelho de Albergaria. Tal como o do 'Ti Miguel, o Moinho da Cova do Fontão era central no Caminho dos Moleiros.

Localização: Angeja, Fontão

N 40° 40' 18.67" W8° 31' 25.81"

9 - MOINHO DO MAIA

O lugar do Fial era uma importante terra de moinhos e moleiros e é atualmente o local no concelho de Albergaria-a-Velha com o maior número destas unidades em funcionamento. O Moinho do Maia, anteriormente conhecido como o Moinho do Tupinho, tinha três casais de mós, restando atualmente apenas um. Possui uma casa de moleiro adjacente com um interessante forno tradicional.

A reconstrução do engenho de moagem deste moinho foi feita por um artesão local, residente no Fial e mestre nas técnicas tradicionais, profundo conhecedor do trabalho da madeira, na construção de moinhos e moegas, de picar e afinar as mós para que estas voltem a exercer a sua função, conhecimentos que se estão a valorizar e a preservar, mas também a desaparecer

Localização: Alquerubim, Fial

Coordenadas: N 40° 37' 58.72" W8° 30' 43.62"

Pub. _____

Marisqueira Snack-Bar
ONDA SOL
234 869 321
Encerrado à quarta-feira
VITOR ALBERTO 965 093 018
Largo da Varina, 134
3870-404 TORREIRA

10 - MOINHO DE SÃO MARCOS DE BAIXO

O Moinho de São Marcos de Baixo III remonta ao século XIX e era uma das 11 unidades molinológicas que existiam ao longo de 5 km do Ribeiro de São Marcos. Era constituído por uma casa com superfície coberta de 20m², dependência com 30m², logradouro e tinha originalmente três casais de mós, dos quais resta hoje apenas um, outrora pertencente a um moleiro profissional. O moinho ficou inativo a partir da década de 70 e após a sua requalificação tornou-se um atrativo molinológico de grande interesse na freguesia de Albergaria-a-Velha.

Localização: Albergaria-a-Velha e Valmaior, São Marcos

N 40° 40' 41.84" W8° 30' 42.51"

11 - ATAFONA

É o único da lista que não tem rio aos pés. Construída no início do séc. XIX, a Atafona teve como primeiro proprietário Manuel Gonçalves da Silva "Salvador", natural do lugar do Sobreiro. Este moinho "de sangue", assim chamado por ser movido por força humana ou animal, encontra-se num compartimento térreo de uma antiga casa da lavoura, com área de 33m², com piso de terra batida e um sobrado onde se situa o casal de mós.

A Atafona terá deixado de ser utilizada no início dos anos 50, no entanto todo o engenho está em bom estado de conservação, com o sistema de transmissão em perfeito funcionamento e grande nível de afinação, motivos que levaram a atafona do Sobreiro a ser considerada uma raridade a nível regional e nacional.

Localização: Albergaria-a-Velha e Valmaior, Sobreiro

N 40° 41' 36.30" W8° 30' 37.68"



Pub. _____

Junta de Freguesia de Rôge

☎ 256 404 138

✉ geral@jf-roge.pt



PRaVE
ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÃO DE ALBERGARIA-A-VELHA

A EQUIPA TÉCNICA



TRILHOS, COM BELEZA NATURAL “CERTIFICADA”

Texto editado por: Beatriz Ribeiro



Rio acima, rio abaixo; ao som do pisar das folhas e com olhos postos numa beleza natural a perder de vista... os agora seis trilhos homologados do concelho de Albergaria-a-Velha são um emblema do património natural local.

Pub. _____



RESTAURANTE | TAKE AWAY

Especialidades
Naco na Pedra . Espetada de Gambas
Tomahawk . Misto Supremo . Lulas

256 049 936 926 015 598
RUA DOS VIEIROS , 234 | ESCAPÃES



TRILHO DO LINHO

PR1
ALB

Distância: 2,5 Km Duração: 1h00 Tipo: Circular
Dificuldade: Fácil

Com início e fim no Centro de Atividades Radicais e Ambientais de Vilarinho de São Roque – antiga escola primária desta Aldeia de Portugal – o trilho circular de 2,5 km convida a descobrir a natureza e o património local.

O percurso passa pela Capela de São Roque, desce à Rua do Lugar de Baixo, chega ao rio Filveda e aos moinhos do Regatinho, onde se destacam a cascata, o vale encaixado e os campos em socalcos.

Segue depois pela antiga levada do açude da lavoura, usada para regar os campos, e regressa à aldeia por entre pinheiros, eucaliptos, pequenas alminhas e o carreiro do Tendal, onde se preparava o linho.

Pode ser feito todo o ano, lembrando apenas os cuidados com o calor do verão e o piso escorregadio no inverno.

TRILHO DOS TRÊS RIOS

PR2
ALB

Distância: 14,5Km Duração: 4h50 Tipo: Circular
Dificuldade: Difícil

O som da água a correr é presença constante na freguesia de Ribeira de Fráguas. O Rio Caima, que nasce na Serra da Freita e percorre 50 km até desaguar na margem direita do Vouga, bem como os vários afluentes, rompem caminho pelos terrenos irregulares desta zona mais serrana. Aproveitada nos açudes e levadas para a rega dos campos, a água também era a força motriz que mantinha os moinhos a funcionar, sendo também usada para lavar o minério das antigas Minas de Telhadela. Este Trilho conta-lhe toda esta história, sempre à beira da água, que guia e acompanha o caminho.

TRILHO DAS CEGONHAS

PR3
ALB

Distância: 23 Km Duração: 5h00 Tipo: Circular
Dificuldade: Fácil

O percurso começa no Parque do Areal, em Angeja, cruza o centro histórico da vila e avança pelo coração do Baixo Vouga Lagunar, onde se encontram águas doce e salgada, criando campos agrícolas em mosaico, delimitados por sebes vivas e valas escavadas pelo homem. É um trilho que revela uma paisagem única, rica em fauna e flora, com destaque para as imponentes cegonhas.

No final, o caminho liga-se ao percurso de Fermelã, já integrado na rede Bioria, ampliando a experiência por zonas húmidas de enorme biodiversidade.

TRILHO DA PATEIRA DE FROSSOS

PR4
ALB

Distância: 8,5 Km Duração: 2h00 Tipo: Circular
Dificuldade: Fácil

A Pateira de Frossos, parte do sistema lagunar da Ria de Aveiro, convida ao passeio pela sua inigualável biodiversidade de espécies e vegetação, um cenário único e inconfundível de contacto direto com a natureza.

O percurso inicia-se junto do Pelourinho de Frossos, frente à Junta de Freguesia de Frossos. O passeio enaltece a Pateira como zona palustre de antigos arrozais que constitui um complexo mosaico agrícola. O caminho é de baixa dificuldade, sem grandes desníveis de altitude, seguindo em frente até ao parque Boca do Carreiro e terminando em Angeja, no Parque do Areal. O regresso faz-se pelo mesmo caminho, momento para apreciar os caminhos agrícolas nas margens do Rio Vouga.

A Pateira de Frossos é igualmente espaço de lazer, com atividades como birdwatching, caminhadas, piqueniques, passeios de bicicleta ou passeios a cavalo.

Pub.



Restaurante de ambiente familiar e descontraído.
Venha experimentar a nossa comida tradicional Portuguesa e as nossas pizzas caseiras

Take-away
Jantar no local
Com esplanada

Albergaria-a-Velha, Portugal | 234 085 484

TRILHO DOS AÇUDES

**PR5
ALB**

Distância: 10 Km Duração: 3h00 Tipo: Circular
Dificuldade: Média

Homologado e recém-inaugurado, o Trilho dos Açudes faz-se de férteis aveleiras, altivos fetos reais e viçosos loendros, ex-líbris das margens da Ribeira da Felgueira, mais conhecida por Rio de Telhada. O caminho inclui cerca 17 açudes e 14 moinhos, bem como um regadio comunitário, construído em 1954, com dois quilómetros de extensão em cimento, que hoje rega campos de milho.

Entre o som constante da água a correr e o sussurar da vegetação, o trilho surpreende ainda com um troço de estrada medieval, uma ponte tardo-medieval de arco em ogiva, antigos fornos de cozer telha e as ruínas de um lagar, que cessou atividade em 1957, depois de afetado pela construção de uma fábrica de produtos químicos na vizinha Estarreja.

Mais do que um simples passeio, o Trilho dos Açudes é uma viagem pelo tempo, onde a memória rural, o património e a natureza se cruzam.

TRILHO DO PORTO DE RIBA

**PR6
ALB**

Distância: 1,5 Km Duração: 0h45 Tipo: Circular
Dificuldade: Fácil

Com início e fim no Parque dos Moinhos do Porto de Riba, este percurso circular de cerca de 1,5 km desce até ao Rio Jardim, o único rio que nasce na freguesia da Branca e desagua no esteiro de Canelas, em Estarreja. Passa pelo antigo porto de embarque e pelo Moinho de Porto de Riba, datado do século XIX, com duas rodas: uma para moer milho e outra para descascar arroz, cereal outra abundante no Baixo Vouga Lagunar. Hoje, o moinho foi recuperado pela APPACDM de Albergaria-a-Velha.

A área envolvente, conhecida como “lagos”, servia para curtir o linho, que depois era seco nas encostas do atual parque de lazer. O percurso segue pelo passadiço junto à levada até ao açude, onde se avista uma antiga ponte que ligava aos moinhos em cascata, hoje em ruínas.

No final, surgem colunas de pedra, vestígios de um engenho de maçar linho movido por bois, usado por lavradores da região. Vale ainda destacar a Capela de Santa Ana, de 1752.

Pub. _____

Vinhos e espumantes de qualidade para brindar os melhores momentos!

Quinta da Laboeira

quintadalaboeira@gmail.com Oliveira do Bairro 919 773 266

NÚCLEO MUSEOLÓGICO, UMA ODE À LINHA DO VOUGA

No Núcleo Museológico de Macinhata do Vouga, a história dos caminhos de ferro ganha vida entre carruagens centenárias, horários pintados em madeira e memórias de quem fez a Linha do Vouga avançar — um convite imperdível a descobrir um património único do turismo ferroviário.

Texto e fotografia por: Beatriz Ribeiro



Folhas coladas em madeira para indicar o horário de partidas e chegadas, grandes relógios para dizer o tempo a quem o passava a trabalhar, uma bilheteira amovível e o santo padroeiro dos ferroviários pintado num painel de azulejo são alguns dos tesouros escondidos à vista de todos no Núcleo Museológico de

Macinhata do Vouga, parte da Rede Nacional de Museus Ferroviários. Na sala ao lado, estão as vistosas carruagens, locomotivas e outros elementos que contam a história da resistente Linha do Vouga.

O Núcleo Museológico de Macinhata do Vouga, inserido na Rede Nacional de Museus Ferroviários, situa-se na Estação de Macinhata do Vouga.

A exposição permanente conta a história da ligação ferroviária que uniu Viseu a Espinho até 1990. O percurso incluía o Ramal de Aveiro com início em Macinhata, passagem por Águeda e término em Aveiro. A emblemática Linha do Vouga ainda existe apesar de ter sofrido alterações motivada pela eliminação de algumas paragens. Atualmente, está a ser alvo de reabilitação.

O Museu existe desde 1981 e apresenta um vasto espólio de locomotivas e carruagens, sendo a mais antiga a Locomotiva CN 16 de 1886. O Museu Nacional Ferroviário destaca, no website, a coleção de veículos de conceção e fabrico nacional construídos entre 1940 e 1947 nas Oficinas de Sernada do Vouga, ainda em funcionamento.

Pub. _____

Restaurante
“O FERREIRA DOS LEITÕES”
Dina Ferreira
COZINHA TÍPICA REGIONAL

234 644 640 · 914 039 688 Rua Alto do Giestal, 1 | Mourisca do Vouga

OLHAR DE VER

Em visita guiada, incluída no passeio de Vouguinha, Tânia Violante, colaboradora da Junta de Macinhata, chamou à atenção para detalhes na sala principal que podem passar despercebidos perante a vontade de passar ao espaço seguinte, onde repousam as vistosas locomotivas, automotoras e carruagens.

O próprio espaço ocupado pelo núcleo museológico servia para guardar carruagens que já não circulavam na linha e para outras tarefas de auxílio à oficina de Serenada do Vouga, a 2.5km da estação de Macinhata, onde ainda hoje se fazem reparações a veículos da CP.

A primeira nota foi para os antigos horários das carreiras ferroviárias, dispostos em grandes folhas coladas em tabuletas de madeira, todas unidas em torno de um poste onde, no topo, ergue uma tabuleta na qual se lê “HORÁRIOS”. A bilheteira à antiga mereceu a segunda chamada de atenção, um espaço amovível que se colocava onde fosse mais cómodo e necessário.

“Hoje, é online que vemos os horários e compramos os bilhetes, tudo na hora. Antigamente, uma pessoa podia ter de vir duas vezes à estação: uma para ver o horário e outra, se assim entendesse, para comprar o bilhete”, contava Tânia Violante.

SANTOS E MANTAS

Os relógios antigos, no cimo da parede, à direita da entrada, ao fundo da sala, serviam para auxiliar passageiros a não perder o comboio e trabalhadores a não perder noção do tempo.

“O maquinista tinha sempre hora de entrada, mas nem sempre tinha hora de saída. Eles trabalhavam, em média, mais de 16 horas por dia. Só para se colocar um comboio a andar, com a ajuda do fogueiro – profissão de quem colocava o carvão na fornalha – precisavam de cinco horas”, detalhava a guia.



Parte dos trabalhadores não ia dormir a casa, dada a distância entre o local de residência e a estação onde paravam. Em frente aos relógios, no chão, encontra-se uma das camas onde passavam as noites, “com uma mantinha por cima”.

Por fim, Tânia Violante virou os olhos dos visitantes para a figura de Santo Amaro, representado na estação num painel de azulejos, pintado em tons de branco e azul, construído pela fábrica Aleluia. O Santo é padroeiro dos ferroviários do Vale do Vouga e tem uma Capela a si dedicada em Sernada do Vouga. Era para ele que os trabalhadores da ferrovia se viravam em momentos de maior aperto.

Pub. _____



Cozinha Regional
Grelhados · Carnes · Peixes Frescos

234 646 214 · 968 212 681

Av. do Emigrante, 26-38 ALAGÔA | 3750-301 ÁGUEDA



A visita guiada pelo Museu é também uma viagem pela história do país e do mundo, com curiosidades que passam, por exemplo, pela decisão de Salazar de terminar com a terceira classe nos comboios, mantendo apenas a primeira e a segunda “porque achava que as pessoas ou eram muito ricas ou muito pobres – estes últimos ficavam na parte de trás, perto das casas de banho”, dizia Tânia; ou os produtos ferroviários vindos da Alemanha como forma de indemnização pela I Grande Guerra.

Horário

Terça-feira a domingo: 10h00-13h00 e das 14h30-17h30

Bilhetes

Gratuito até aos 14 anos

Gratuito para professores em contexto escolar – 0,80€ para os alunos na mesma situação

Dos 15 anos aos 25 e para reformados a visita fica por 1€
2€ a partir dos 26 anos

Contactos

R. Padre João Gomes dos Santos, 24

+351 234 180 120

Email: manuela.almeida@cm-agueda.pt



Pub. _____

WWW.PARADISEPROPERTY20.COM

Paradise Property

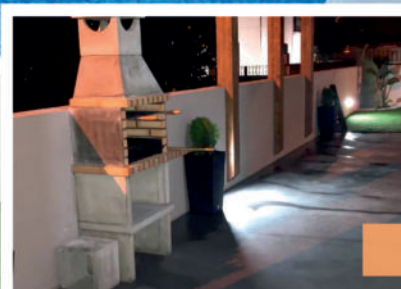
Conforto aliado à tranquilidade

Ligue através
do whatsapp 

+1(416) 888-8477

paradiseproperty20@gmail.com

Rua Dr. Hernâni Miranda, 20
3850-063 ALBERGARIA-A-VELHA



VOUGUINHA, TODOS A BORDO NO CARRIS DA HISTÓRIA

Bancos de madeira a brilhar, delicadas cortinas brancas a esvoaçar, avisos com valores ainda em escudos e varandins como nos filmes antigos levam-no a viajar pelo tempo, na única linha de bitola métrica ativa em todo o país, mais estreita que a ibérica padrão. O Comboio Histórico do Vouga, com carruagens fabricadas no início do séc. XX, voltou aos carris em 2017 para passeios turísticos de Verão e Natal. Até ver, ninguém o para... muito menos a idade.

Texto e fotografia por: Beatriz Ribeiro

Quando se pede a alguém para desenhar um comboio, o comum será um retângulo a fazer de carruagem, umas rodas, uns carris e uma chaminé a deitar fumo. Não interessa se nunca andámos num assim. “É o comboio do imaginário. É o Vouguinha”, dizia-nos Madalena Delgado, a cargo da direção de Marketing da CP – Comboios de Portugal.

A bordo da carruagem 3 do Comboio Histórico do Vouga, sentada num banco corrido feito de madeira, bem envernizado para a ocasião; com paredes pintadas a verde-água e cortinas arrumadas num cordel de couro, para deixar espreitar lá para fora, Madalena Delgado lembrava o sucesso das viagens turísticas do veículo durante o Verão, mas não só. “No Natal, é maravilhoso. No ano passado, o comboio vai todo iluminado... Foi muito bonito”, convidava.

O Vouguinha, como é por todos chamado o Comboio Histórico, é composto por cinco carruagens de madeira, três delas com varandins à antiga, como nos

filmes, onde pode desfrutar do tempo de viagem que desejar. De Aveiro a Macinhata, ao navegar pelas passagens de nível e pela zona mais interior de algumas localidades, o sorriso e o aceno dos transeuntes ao histórico comboio é cartão de visita certo e sabido. Mantenha a tradição e cumprimente-os de volta.

Cada carruagem tem os seus encantos: caixilharia das janelas, assentos inseridos em pequenos espaços fechados, pousos de rede para guardar mochilas e casacos, candeeiros e placas antigas ou até um aviso dos então Caminhos de Ferro Portugueses a alertar que quem tentasse entrar sem bilhete pagaria “a viagem na totalidade, acrescida duma sobretaxa igual a metade do seu preço, num mínimo de 1.695\$”.

ÚNICO NO PAÍS

As carruagens são tracionadas pela locomotiva diesel CP 9004, uma peça histórica construída no final da





década de 50 do século passado, que marcou o fim da era dos comboios de via estreita na Linha de Guimarães. A locomotiva azul e vermelha, com vértices arredondados e um apontamento a branco, dá força às cinco peças que compõem o Vouguinha.

Das três carruagens com varandim, uma data de 1908 e tem origem belga, outra foi fabricada na Alemanha em 1925 e uma outra construída pelos Caminhos de Ferro do Estado, nas oficinas do Porto, em 1913. As restantes duas têm origem distinta: uma é portuguesa, construída no Barreiro em 1908 e circulou na Linha do Corgo, entre Régua e Chaves; e a outra é uma carruagem mista de fabrico italiano.

As locomotivas diesel série CP 9001 a 9006 entraram ao serviço em 1975. A aquisição destas unidades visava modernizar a frota de locomotivas de via estreita, bem como dar continuidade à substituição da tração a vapor pelo diesel na rede de via métrica portuguesa.

Sobre a circulação em linha estreita, o Vouguinha é exemplo único no país. O Comboio Histórico do Vouga circula pela última ferrovia métrica ativa no país: com 1000mm entre os dois trilhos de linha, ao invés da bitola ibérica padrão de 1668mm.

DIA RECHEADO

Em julho de 2017, logo no início do mês, fez-se a primeira viagem histórica do Vouguinha. O percurso feito pelo emblemático comboio é o mesmo que, diariamente, é percorrido por quem se serve da Linha do Vouga para deslocações habituais ou pontuais – mas, claro, em comboios correntes da CP.

Há oito anos, o trajeto inaugural foi acompanhado pela então ministra da Presidência e da Modernização Administrativa, Maria Manuel Leitão Marques; por Carlos Gomes Nogueira, na altura presidente da CP, cargo que havia assumido no dia anterior, tendo aquele sido o seu primeiro ato público; e Oliveira Martins, secretário de Estado das Infraestruturas que levou o filho “que, como todas as crianças, gosta de comboios”, escrevia o jornalista Carlos Cipriano, para o Público.

Tal como hoje, o passageiro mete o pé na carruagem em Aveiro pelas 13h45, onde regressa um pouco depois das 20h. A primeira paragem é em Macinhata do Vouga, quase às 15h. Na freguesia que alberga um Núcleo Museológico inserido na Rede Nacional de Museus Ferroviários, é recebido por animação



Onde a excelência casa com a tradição

Tudo começou com o avô Martinho, lavrador de Mogofores, que produzia vinho tinto e, sendo um dos raros vinificadores que separava as uvas brancas das tintas, fazia um belíssimo e famoso vinho branco.

Ambos eram vendidos a granel a casas de negócio da região que o engarrafavam. Hoje, a Campolargo continua a ser uma empresa familiar. A propósito deste legado, estivemos à conversa com Carlos Campolargo.



Como nasceu a Campolargo?

A casa Campolargo como produtor vitivinícola entronca na história longa de uma casa de lavoura bairradina da família da mãe dos atuais quatro irmãos proprietários. Após a morte do nosso avô Martinho, a viticultura passa a ser levada a cabo pelo nosso pai Manuel Campolargo, que decide deixar a produção de vinho e destina as uvas, de uma área de vinha sucessivamente ampliada, para venda a comerciantes locais.

Assim, durante os anos 80 e 90 do século passado, a nossa família interrompe a produção de vinho para o mercado, a qual só vem a ser retomada no ano 2000, utilizando agora o apelido Campolargo, como sua marca principal. Em 2004 construímos a nova adega, na Quinta de São Mateus, junto ao lugar do mesmo nome no concelho de Anadia.

De que forma esta raiz familiar se materializa na atual ética de trabalho da empresa?

Este carácter familiar mantém-se nos dias de hoje e está bem representado em todos os nossos vinhos, que continuam a respeitar a sua origem exclusiva em uvas das nossas vinhas e vinificados de acordo com as práticas tradicionais que excluem, designadamente, os produtos enológicos. Somos, por isso, Vitivinicultores-Engarrafadores e obedecemos às regras da Produção-Integrada no trabalho agrícola. A sustentabilidade é o fio condutor da nossa atividade.

No vasto mundo dos vinhos, que garrafas recomendaria a quem chega à Campolargo?

A quem nos visita, seja na adega seja nas garrafas que abre, recomendamos, para além da óbvia moderação, que consuma o nosso vinho à refeição, com comida! Assim ele foi pensado e conserva, por isso, a franqueza, a acidez fresca e nítida, nascidas do nosso solo calcário e do nosso clima atlântico. O seu equilíbrio revela-se plenamente ao acompanhar a nossa cozinha tradicional, do mar ou da terra. Para responder mais diretamente: recomendamos o nosso Bical branco e o nosso tinto Rol de Coisas Antigas (a mistura de uvas tradicional da Bairrada), como forma possível de primeiro abordar o nosso extenso portfolio. Mas, com o leitão ou para um brinde festivo, não hesite: espumante Campolargo!

Para além da degustação, o que mais oferece a Campolargo?

Visitar a adega e provar os vinhos são, está claro, coisas que asseguramos no dia a dia. No entanto, grupos numerosos ou visitas fora do horário de funcionamento, devem ser organizadas previamente. Da mesma forma, poderão ser marcadas refeições, na adega ou na Casa de Mogofores, o nosso turismo de habitação onde pode ficar alojado.

Para facilitar o acesso aos nossos vinhos, adiantamos que a Sotavinhos SA com sede na Branca, Albergaria, é o nosso distribuidor

Quinta de S. Mateus - Anadia | 231 519 000 | geral@campolargovinhos.com





Bancos em madeira e janelas amplas revelam a alma nostálgica do Vouguinha, comboio histórico que percorre paisagens únicas ao longo do centenário Ramal de Aveiro.



cultural e etnográfica a cargo de coletividades da terra, com pessoal vestido a rigor para lhe oferecer um Pastel de Águeda. O doce típico é feito à base de ovos, açúcar, manteiga e amêndoa; com textura estaladiça por fora e suave por dentro.

Ainda na estação de Macinhata, espera-o uma feira de produtos regionais onde é possível adquirir iguarias tradicionais e lembranças de um dia especial. Antes da partida, ainda há tempo para uma visita guiada ao Museu Ferroviário. O comboio parte para a viagem de regresso às 16h40.

A próxima paragem é logo em Águeda, às 17h02. Durante o mês de julho, pode explorar as inúmeras exposições de arte urbana que compõem o AgitÁgueda, grande festival anual da cidade, onde se encontram obras de artistas como Bordalo II, os famo-

sos guarda-chuvas a fazer teto às ruas e pinturas por toda a parte.

A partida de Águeda está marcada para as 19h20 e a chegada a Aveiro às 20h07. Ao longo do percurso, a paisagem passeia do urbano ao rural, com habitações entre verde, pequenas vinhas, campos de milho, zonas residenciais e troços de floresta por onde o Vouguinha passa rente.

As datas e preços variam de ano para ano, mas é quase certo poder contar com a viagem durante os fins-de-semana (ou apenas sábados) de julho e agosto. Em 2025, o preço para um bilhete normal estava nos 41€ por pessoa. As crianças dos 4 aos 12 anos (inclusive) pagavam 25€ e para grupos com 10 ou mais elementos, o bilhete ficava a 37€/pessoa.

MAGIA DO NATAL

Águeda é dos guarda-chuvas, mas também é Cidade Natal. No tempo dos casacos pesados e compridos cachecóis, o território transforma-se num espaço de brilho e fantasia, com as famosas decorações e animação de rua, incluindo o Maior e o Menor Pai Natal do Mundo. Foi em 2024 que o Comboio Histórico do Vouga circulou, pela primeira vez, decorado com iluminação exterior alusiva à quadra festiva.

O Maior Pai Natal do Mundo é já um clássico do Jardim do Largo 1º de Maio: tem 21 metros de altura, o equivalente a um prédio de sete andares, e 250 mil luzes led que lhe dão brilho quando o sol se põe. O título de maior do mundo foi adquirido em 2016, embora o gigante já acompanhe os Natais de Águeda desde 2015.

Em 2018, aterrou no concelho o Pai Natal Mais Pequeno do Mundo, que cabe no buraco de uma agulha, e pode ser visto com maior detalhe no Centro de Turismo de Águeda com a ajuda de um microscópio. A peça foi esculpida pelo artista britânico Willard Wigan, criador das mais pequenas obras de arte da história, de acordo com o Guinness World Records.

DIONILDO, O MAQUINISTA DOS SETE OFÍCIOS

Diolindo Fernandes da Costa começou a trabalhar no Vouguinha em 1954, depois de ter feito a tropa em Aveiro, Santarém e Santa Margarida. Até 1982, ano em que dei-

xou a Linha do Vouga, foi servente de auxiliares, responsável por um grupo de serventes, fogueiro e maquinista.

Hoje, com 93 anos, Diolindo recorda, em conversa com o Jornal de Albergaria, que iniciou a auxiliar trabalhos de corte de lenha para alimentar os veículos, limpeza de vieiras e higienização de máquinas.

Entre avarias que não se conseguiam reparar no momento e as longas jornadas de trabalho, Diolindo guarda na saudade a desenvoltura e tacto que tinha para lidar com pessoas, o talento para apaziguar queixas dos passageiros e a sabedoria para ajudar colegas a resolver incidentes. “Eram muitos homens a trabalhar para o mesmo. É preciso estudar as máquinas e conhecer a Linha toda muito bem”, acrescenta o antigo maquinista.

Entre percurso atribulado dos carris e qualidade variável do carvão que fazia mover as carruagens, muitos eram os contratempos da profissão. Diolindo, formado em reparação de máquinas no Entroncamento, recorda como, num dia de folga, a caminho de um passeio até Espinho, ajudou o maquinista a retomar a marcha. “Era uma peça que não estava a funcionar. Dei-lhe um pontapé e disse ‘veja lá agora’ e já dava. Era um transformador de ligação”, recorda. “É preciso gosto, estudar e concentração”, sintetiza Diolindo Costa.



Diolindo Fernandes da Costa, maquinista dos sete ofícios, trabalhou no Vouguinha de 1954 a 1982. Hoje, aos 93 anos, recorda com orgulho as histórias, desafios e engenho que marcaram uma vida dedicada à Linha do Vouga.



Membros das coletividades de Macinhata do Vouga, vestidos a rigor, recebem os passageiros com um Pastel de Águeda.

Pub. _____

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA

de Macinhata do Vouga a Águeda

VISITE-NOS! <<<<

 Rua Manuel Marques, 6 | 3750-593 Macinhata do Vouga  234 571 535



PARQUE DE ALTA VILA

Pulmão da Cidade dos Guarda-Chuvas

Muito além dos guarda-chuvas coloridos e da arte urbana que a celebrizaram, Águeda guarda um segredo no coração da cidade: o Parque de Alta Vila. Com mais de três hectares de romantismo, história e natureza, este refúgio verde no topo de uma encosta que se cruza com o rio é uma viagem no tempo.

Texto e fotografia por: Beatriz Quaresma



Pub. _____



Restaurante IPIRANGA

de Artur Jorge Campos Torrado



234 669 577 | 933 500 898

Rua Nacional, Nº1 | 3750-064 ÁGUEDA

Águeda, cidade dos guarda-chuvas coloridos, da arte urbana e música é sinónimo de criatividade, cor e natureza. Se acha que já viu tudo, prepare-se para se surpreender. A poucos passos do centro urbano, no topo de uma encosta com vista para o Rio Águeda, esconde-se o Parque de Alta Vila. Com mais de três hectares de natureza, história e romantismo, este é o maior espaço verde da cidade — e um convite à descoberta.

Construído entre 1848 e 1902 por iniciativa do Dr. Eduardo Caldeira, filho do Visconde da Borralha - título nobiliárquico português criado por decreto de D. Maria II, em data desconhecida, em favor de Francisco Caldeira, neto de Gonçalo Caldeira e herdeiro da Casa da Borralha - o parque nasceu do sonho de transformar uma propriedade privada num jardim encantado, inspirado nas tendências românticas e revivalistas que marcaram o urbanismo europeu do século XIX. Com influências da arquitetura paisagista inglesa, aqui o cenário parece retirado de um conto antigo: caminhos sinuosos entre árvores centenárias.



Pub. _____



O Florindo BY FOX
RESTAURANTE

COZINHA TRADICIONAL CASEIRA

Grelhados de Carne e Peixe · Várias Novidades

Você vê muitas casas, muitas grelhas e muito lume a arder pois venha ao Florindo para ver e querer.






915 812 559
234 629 283

Rua Banda 12 de Abril, 29
3750-755 TRAVASSÔ



rias, ruínas e grutas fingidas, muralhas com guaritas, ameias e estruturas em pedra e adobe que despertam o imaginário.

No coração do parque ergue-se o antigo chalet dos proprietários, construído em pedra e madeira, ao qual se junta um pavilhão de caça – agora casa de artistas local da Unidade de Saúde Familiar. Há ainda um coreto em ferro por cima de um lago, uma capela discreta em pedra, a casa do guarda e até um campo de ténis — tudo cuidadosamente integrado na paisagem para proporcionar uma experiência imersiva entre o natural e o construído.

Mas o Parque de Alta Vila não é apenas um testemunho do passado. Graças a uma profunda requalificação promovida pela Câmara Municipal, inaugurada a 25 de maio de 2021, este espaço foi renovado e devolvido à comunidade com um novo fulgor. Os trilhos foram recuperados e ampliados, foi criado um circuito pedonal contínuo que liga a parte alta à baixa, e foram plantadas mais de 250 novas árvores e centenas de arbustos. Rel-

vados e zonas de contemplação e piquenique oferecem hoje condições ideais para quem procura tranquilidade, lazer ou um bom passeio em família.

Classificado como conjunto de interesse municipal desde 1996, o Parque de Alta Vila mantém-se fiel ao espírito com que foi sonhado: um lugar onde o silêncio, a natureza e a beleza caminham lado a lado. Um local onde cada recanto esconde uma surpresa, cada pedra conta uma história e cada sombra convida ao descanso.

Se ainda não conhece este refúgio em pleno centro de Águeda, está na altura de o fazer. Leve um livro, uma toalha, uma máquina fotográfica ou apenas tempo para sentir. O Parque de Alta Vila espera por si — com a promessa de o fazer regressar.

CIDADE DO VERÃO

No verão, Águeda transforma-se num verdadeiro palco a céu aberto, colorido, vibrante e repleto de movimento. Depois de explorar o parque da cidade passeie pelo centro. É nesta altura que acontece o AgitÁgueda — Art

Pub. _____



Desde 1991 a distribuir sensações!





234 520 340

EN 1 km.251 Branca Albergaria-a-Velha



Festival, um dos eventos culturais mais emblemáticos da região que conta reconhecimento nacional e internacional.

O cartão de visita é inconfundível: centenas de guarda-chuvas coloridos suspensos sobre as ruas do centro histórico. A instalação, conhecida mundialmente como Umbrella Sky Project, nasceu em 2012 e rapidamente se tornou um fenómeno global. Hoje, atrai milhares de visitantes de todo o mundo, que chegam a Águeda para passear sob este céu artificial, de telemóvel em punho e olhos maravilhados.

Durante cerca de três semanas em julho, a cidade pulsa com música, dança, teatro, artes visuais e performances de rua. Com entrada livre em praticamente todas as atividades, o AgitÁgueda democratiza o acesso à cultura e convida toda a comunidade — residentes e visitantes — a fazer parte da festa.

Os espaços públicos transformam-se em tela. As fachadas ganham murais gigantes, as ruas acolhem escul-

“Raiz com Alma”, escultura de Paulo Neves (2020), nasceu de uma árvore caída no temporal de 2013 no Parque de Alta Vila, em Águeda. Recuperada e transformada numa peça memorial, lembra a força da natureza e a arte que eterniza memórias.

turas e instalações artísticas, e até o mobiliário urbano recebe um toque criativo. Um museu a céu aberto que se renova a cada edição, sem fórmulas repetidas que se estende até outubro.

A música é outro pilar forte do festival. Por palcos ao ar livre, passam nomes sonantes da cena musical portuguesa e internacional, num cartaz que cruza géneros, gerações e sonoridades. O ambiente é descontraído, democrático, familiar. Há lugar para a música indie, o rock, o fado, a pop e até sonoridades mais alternativas — tudo com entrada gratuita.

A edição de 2025 do festival já começou. A entrada é gratuita e o programa completo pode ser consultado em www.agitagueda.com.

Pub.



O melhor sabor dos pratos regionais!

Almoços e Santares / Take-away

234 425 231

RUA DE SÁ, N°38 | 3800-248 AVEIRO

Viagem ao glamour dos anos 20 no coração da Bairrada

Edição e fotografia por: Beatriz Quaresma

Na planície da Bairrada, onde as vinhas desenhavam o horizonte e o tempo parece abrandar, nasceu o Palácio Hotel da Curia — um refúgio de alma antiga que continua a seduzir com a elegância dos “loucos anos 20”. Nascido do sonho de Alexandre de Almeida e traçado pelo talento de Norte Júnior, este palácio centenário, uma cápsula do tempo, onde o glamour da Belle Époque dança com o conforto do século XXI.



As Termas da Curia ficaram famosas pelas suas águas bicarbonatadas, indicadas para problemas digestivos e metabólicos. No início do século XX, a Curia transformou-se num destino de moda da elite portuguesa.



Na Bairrada vinhateira, no concelho de Anadia, surgiu, imponente e elegante, um dos mais emblemáticos ícones da hotelaria portuguesa. Inaugurado em 1926, o Palácio Hotel da Curia é uma viagem ao passado, um mergulho nos glamorosos “dourados Anos 20” e uma experiência sensorial e cultural no Centro do país.

Inserido num cenário de rara beleza natural, entre vinhas, campos de golfe e a frondosa Mata Nacional do Buçaco, este hotel centenário, hoje conhecido como Palácio da Curia, é um tesouro da arquitetura romântica portuguesa e um verdadeiro “resort histórico”, que

une o requinte de outros tempos com o conforto e sofisticação da hotelaria contemporânea.

A história do palácio começa com Alexandre de Almeida, fundador da mais antiga cadeia hoteleira portuguesa, que, inspirado por viagens à Côte d’Azur e à Costa Leste dos Estados Unidos, sonhou criar em Portugal um grandioso hotel ao estilo dos palácios europeus da Belle Époque. Para isso, confiou o projeto ao renomado arquiteto Norte Júnior, vencedor de cinco Prémios Valmor e responsável por obras como o Café “A Brasileira” e a Casa Malhoa.

Pub. _____

FLORESTA DOS LEITÕES

RESTAURANTE

ESPECIALIDADE: LEITÃO À BAIRRADA
TAKE AWAY e EVENTOS

RESERVAS: **231 202 025** Avenida da Floresta, N.º27 **Mealhada**

O resultado foi um edifício sumptuoso, com fachadas de inspiração clássica, vitrais coloridos, ferros forjados de fino recorte, colunas esculpidas e uma escadaria em caracol que ainda hoje impressiona quem entra no amplo e luminoso hall principal. A própria piscina exterior – a Piscina Paraíso, inaugurada em 1934 – foi uma inovação para a época, ao ser a primeira de dimensões olímpicas no país, com projeto modernista de Raul Martins.

Após décadas de glória e algum período de adormecimento, o Palácio da Curia nasceu em 2008, na sequência de uma remodelação conduzida pelo atelier Capinha Lopes & Associados. A obra foi tão ambiciosa que procurou reinterpretar o espírito da época, sem descuidar as exigências do conforto e da tecnologia do século XXI.

Hoje, os quartos e suites, em tons que vão do rubi ao grafite, combinam peças de mobiliário original com design contemporâneo. As casas de banho em mármore, os salões sociais de época, o restaurante “Belle Époque” com a sua atmosfera cinematográfica e a oferta de bem-estar fazem do “Palace da Curia” um refúgio de excelência.



Pub.

VOLVO

Volvo EX30 100% Elétrico

Desde 29.900€ + IVA



Viatura não contratual.

FEIRAUTO

Rua da Zona Industrial do Roligo, Espargo Edif. Volvo – 4520-115 Stª. Mª da Feira
Rua Campo dos Cavalos, 50 – Z. Ind. da Taboeira – 3800-429 Aveiro

www.feirauto.pt

PALÁCIO DO BUÇACO

Uma jóia romântica no meio da serra

Edição e fotografia por: Beatriz Quaresma





Pelos caminhos do jardim, encontram-se fontes ornamentadas, capelas, ermidas e pequenas grutas usadas pelos monges para oração e meditação.



Envolto pelo silêncio ancestral da serra e pela frescura da Mata Nacional do Buçaco, esconde-se um testemunho do romantismo arquitetónico português. Outrora sonhado como residência real, hoje hotel de luxo, o monumento nacional guarda na pedra talhada e nos vitrais coloridos ecos de um passado onde monges, reis e artistas deixaram a sua marca.

No seio verdejante da Mata Nacional do Buçaco, no concelho da Mealhada, esconde-se uma das mais impressionantes obras do romantismo arquitetónico português: o Palácio do Buçaco. Hoje, transformado num hotel de luxo, conta uma histó-

ria onde a arte se entrelaça com a natureza, realza e uma certa melancolia histórica — como se, entre os nevoeiros da serra, ainda ecoassem as vozes dos reis, monges e artistas que por ali passaram.

Pub. _____





Restaurante
"O Manel"
PETISCOS & TAKE AWAY

CONTACTE-NOS 234 312 429 | 916 532 499

EN 109 - Quinta do Simão | Esgueira - 3800-112 AVEIRO

O Palácio é herdeiro de uma história que começa muito antes da sua construção. No século XVII, os monges carmelitas descalços fundaram o Convento de Santa Cruz do Buçaco e, à sua volta, criaram um jardim botânico com centenas de espécies autóctones e exóticas. A mata, protegida por muros e regras severas — algumas herdadas de bulas papais —, foi pensada como um símbolo do Monte Carmelo e do Paraíso Terrestre. Ainda hoje, trilhos, fontes e uma Via Sacra com pequenas capelas pontuam este bosque envolvido em misticismo e silêncio.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, o convento ficou ao abandono. Já no final do século XIX, o rei D. Carlos I decide transformar o local num pavilhão real de caça e de veraneio. A escolha da serra e da antiga mata carmelita não foi ao acaso: a localização era discreta e majestosa. O projeto foi entregue ao arquiteto italiano Luigi Manini, cenógrafo do Teatro Nacional de São Carlos, que desenhou um edifício em estilo neomanuelino, evocando a grandiosidade dos Descobrimentos Portugueses — com inspiração direta na Torre de Belém, no Mosteiro dos Jerónimos e no Convento de Cristo.



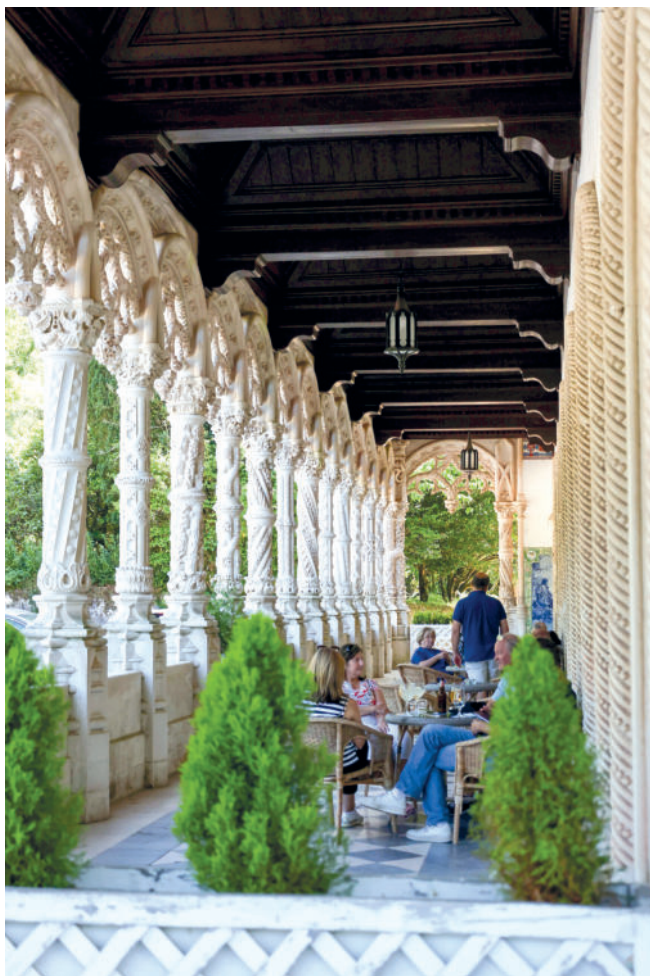
Construído entre 1888 e 1907, o palácio é uma ode nacionalista à glória marítima portuguesa. A fachada foi decorada com motivos manuelinos: cordas entrelaçadas, cruzes da Ordem de Cristo, janelas lavradas e esculturas que misturam o gótico com a exuberância renascentista. A pedra de Ançã, usada em muitos destes detalhes, dá luminosidade ao edifício.

No interior, a sumptuosidade não fica atrás: vitrais, frescos, painéis de azulejos e tetos pintados compõem o cenário. Artistas como Jorge Colaço (autor dos célebres painéis de azulejos que retratam passagens d’Os Lusíadas e episódios como a Batalha do Buçaco), Carlos Reis, João Vaz, António Ramalho, Costa Mota e António Gonçalves deram corpo a um espaço onde a arte se funde com a história.

Apesar de ter sido idealizado como residência real, o palácio nunca cumpriu essa função. Com a queda da monarquia em 1910, e já com D. Manuel II exilado, o edifício foi convertido num hotel — função que mantém até aos dias de hoje. Mas nem por isso perdeu a sua aura régia. Ao longo do século XX, o Palace Hotel do Buçaco recebeu chefes de Estado, artistas e personalidades de renome mundial.

A gestão do hotel permanece, aliás, nas mãos da família de Alexandre de Almeida, pioneiro da hotelaria de luxo em Portugal. Com 64 quartos e várias suítes temáticas — como a Real D. Carlos, a D. Amélia, ou a D. Manuel — o hotel continua a oferecer uma experiência inigualável, onde se junta a hospitalidade portuguesa, a cozinha de excelência e os vinhos da região.

O Palácio do Buçaco foi classificado Monumento Nacional em 2018.



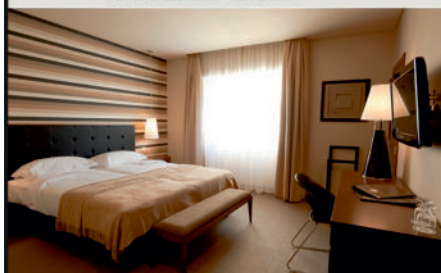


GRANDE
HOTEL
DE LUSO
★★★★

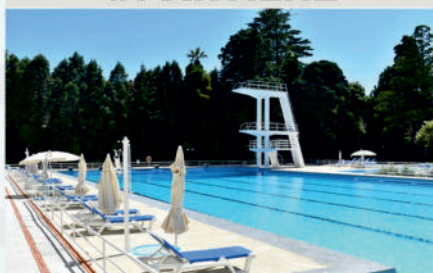
1852
TERMAS LUSO



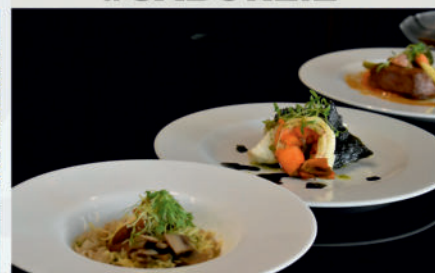
#RELAXE



#PARTILHE



#SABOREIE



##(RE)CONECTE



#CUIDE



#DESFRUTE



EXPLORE O MELHOR DO **CENTRO DE PORTUGAL,**
E **(RE)ENCONTRE O SEU EQUILÍBRIO**
COM O **GRANDE HOTEL DE LUSO E TERMAS DE LUSO**



WWW.HOTELUSO.COM
RESERVAS@HOTELUSO.COM
+351 231 937 937 / +351 966 931 383



WWW.TERMASDELUSO.PT
GERAL@TERMASDELUSO.PT
+351 231 937 910

A photograph of the Castelo de Santa Maria da Feira, a medieval castle with four prominent towers and conical roofs, situated on a hill surrounded by dense green trees. The sky is clear blue. In the foreground, there are green leaves from a tree on the left and right sides, framing the castle.

Castelo de Santa Maria da Feira

GUARDIÃO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Edição e fotografia por: Beatriz Quaresma

Guardião milenar da história portuguesa, o Castelo de Santa Maria da Feira ergueu-se sobre uma colina granítica, testemunha dos tempos que moldaram a identidade nacional. Da ancestralidade lusitana ao fulgor da Reconquista, da presença régia e esplendor da arquitetura militar medieval, esta fortaleza é marco da memória coletiva do país — e, todos os verões, torna-se o coração pulsante da maior recriação histórica medieval da Península Ibérica.

No cimo de uma elevação granítica que domina a paisagem envolvente, o Castelo de Santa Maria da Feira levantou-se, no meio de um monte e rodeado pela floresta, como guardião da memória de Portugal. A estrutura militar é testemunha da complexa malha de episódios que marcaram o nascimento da nacionalidade portuguesa.

A génese do castelo remonta a um antigo castro lusitano, erguido sobre um possível templo dedicado a Bandeveluco-Toiraeco, divindade local. Desde então, o espaço foi continuamente moldado pelos tempos: romano, suevo, visigodo, muçulmano, cristão — todos deixaram marcas. Mas foi entre os séculos XI e XVI que o castelo assumiu a forma que hoje admiramos, uma peça da arquitetura militar nacional, graças à variedade e sofisticação dos dispositivos defensivos, pensados para resistir a todo o tipo de investidas.

Durante séculos, o castelo serviu de sede administrativa, bastião contra invasões normandas e muçulmanas, e plataforma estratégica na reconquista cristã. Em 1128, na célebre Batalha de São Mamede, Pero Gonçalves de Marnel, alcaide da fortaleza, apoiou o jovem D. Afonso Henriques contra a mãe, D. Teresa, e o conde galego Fernão Peres de Trava. O apoio da nobreza local foi decisivo para o triunfo que abriria caminho à independência de Portugal.

O castelo foi, também, espelho da vida senhorial e do poder régio. Após ter sido legado por D. Sancho I às suas filhas e integrado no património da Rainha

Santa Isabel, recebeu profundas intervenções no século XV, pelas mãos de Fernão Pereira, a quem D. Afonso V confiou a tarefa de o restaurar. É dessa época a imagem arquitetónica que hoje predomina. Já no século XVII, dentro das muralhas, ergueu-se um novo palácio, mais tarde destruído por um incêndio em 1722, supostamente por ordem do rei D. João V, temeroso de rivalidades familiares.

Com o passar dos séculos e o declínio da sua função militar, o castelo entrou em estado de ruína. A sua recuperação só ganharia novo alento a partir de 1887, culminando num extenso trabalho de conservação realizado entre 1992 e 2006. Destacam-se intervenções na Capela barroca, de planta hexagonal, e na Torre de Menagem, que preserva traços residenciais como as grandes lareiras, e onde hoje se realizam conferências, exposições e eventos culturais.

A monumentalidade do castelo é acompanhada por um conjunto arquitetónico coeso e funcional: a Porta da Vila, ladeada por uma barbacã (muro baixo e avançado em relação à muralha principal); a Praça de Armas, com troneiras e ameias; a

Torre do Poço, com nascente própria e 33,5 metros de profundidade; a Tenalha e a Torre da Casamata, ambas desenhadas para resistir ao fogo inimigo.

O Castelo de Santa Maria da Feira é símbolo da Terra de Santa Maria — nome atribuído por Afonso III de Leão —, uma região que se destacou na organização militar da Reconquista e que, durante décadas, serviu de fronteira viva entre cristãos e muçulmanos.



O último rei de Portugal a frequentar o Castelo de da Feira terá sido D. Manuel I, que reinou entre 1495 e 1521.

Durante o seu reinado, o castelo ainda tinha importância militar e administrativa, e a região de Santa Maria da Feira estava sob o domínio da Casa de Ferreira, mais tarde conhecida como Casa dos Condes da Feira.

VIAGEM MEDIEVAL

Todos os anos, durante 12 dias, no pico do verão, Santa Maria da Feira transforma-se num burgo medieval, com o castelo como peça central da “Viagem Medieval em Terra de Santa Maria” — a maior recriação histórica da Península Ibérica e uma das maiores da Europa. **O evento, que em 2025 decorre entre 30 de julho e 10 de agosto**, convida os visitantes a viajar no tempo até ao reinado de D. Afonso V (1455–1476). Com cerca de 110 espetáculos diários, distribuídos por mais de 17 áreas temáticas e cinco praças de animação, a cidade ferve com torneios de cavaleiros, cenas de falcoaria, música, teatro, encenações históricas, artes performativas e muito mais.

O Castelo de Santa Maria da Feira pode ser visitado ao longo de todo o ano, com horários ajustados às estações.

Entre abril e setembro: abre de terça a sexta-feira das 10h às 18h, e aos fins de semana das 10h às 13h e das 14h às 18h.

De outubro a março, o horário é ligeiramente reduzido: de terça a sexta, entre as 09h30 e as 17h, e aos sábados e domingos das 09h30 às 13h e das 14h às 17h.



Pub. _____

SABORES COM HISTÓRIA,
NO CORAÇÃO DE SANTA MARIA DA FEIRA!

Bistrô, bar, lounge e sala para eventos

A dois passos do Castelo, com esplanada interativa e experiências únicas.

SANTA MARIA DA FEIRA 913 913 913 RESERVAS@ANTIGAESTALAGEM.PT

ECOPISTA DO VOUGA

Nascida da Vontade Coletiva Intermunicipal

Edição e fotografia por: Beatriz Ribeiro



São mais de 100km pelas vistas história e riqueza patrimonial do interior do país. Com partida de Sernada do Vouga e chegada em Viseu, pode optar pelo inúmeros troços de cada município parceiro desta iniciativa

A Ecopista do Vouga, para se fazer a pé ou de bicicleta, tem um percurso total de cerca de 120 km de extensão, desde Sernada do Vouga até à cidade de Viseu. Pelo caminho, atravessa 8 pontes, 1 viaduto e 17 túneis, atingindo uma altitude máxima de 534 metros, já próximo do final.

Por estas bandas, o troço de percurso afeto a Sever do Vouga passa pelo antigo troço da linha ferroviária do Vouga e acompanha o Rio Vouga ao longo de 11.155,5 metros, desde a Foz do Rio Mau ao Apeadeiro de Cedrim, a montante do Rio Vouga.

Pub. _____



**RESTAURANTE
O COUCEIRA**
234 561 227 | 916 521 316

Domingo a Sexta ao almoço
Reservas e Encomendas | Serviço de take-away



Rua do Cabeço 5, 3740-412 Talhadas

Especialidades:
Bacalhau à Jacinta
Cabrito/Vitela Assados à moda de Sever do Vouga

A ecopista de Sever do Vouga serpenteia pelo antigo ramal ferroviário, revelando paisagens deslumbrantes de vales verdejantes e do Rio Vouga.

A Ecopista coloca em destaque a Ponte do Poço de Santiago, os túneis ferroviários e o ambiente bucólico conservado pela imagem do “Vouguinha”, o emblemático comboio a vapor que atravessava as exuberantes paisagens deste vale.

O Paradela Eco Café, no antigo edifício da estação de Paradela, dispõe de uma infraestrutura de apoio aos utilizadores, com cafetaria e bar, uma sala de exposições e serviço de aluguer de bicicletas.

O percurso é dominado por uma paisagem verde, repleta de pinhais, carvalhais e florestas autóctones, intercalados por paisagens rurais e habitacionais, onde é possível ver algumas das paisagens mais emblemáticas da região.

DESEJO DE MUITOS

Em outubro de 2009 os Municípios de Albergaria-a-Velha, Águeda, Sever do Vouga, Oliveira de Frades, Vouzela, São Pedro do Sul e Viseu, a Comunidade Intermunicipal dos Municípios da Região Dão Lafões e a Refer, apresentaram o anteprojecto da Ecopista do Vale do Vouga, uma via ciclo pedonal que atravessasse os sete concelhos num percurso total a rondar os 80 km.

Em 2022, foi inaugurado no dia 12 de novembro, o troço da Ecopista do Vouga nos concelhos de Águeda e Albergaria-a-Velha, permitindo ligar estes concelhos ao troço da Ecopista do Vouga já executado no concelho de Sever do Vouga.

O projeto estabelece assim a ligação de Sernada do Vouga a Santa Comba Dão, ligando os municípios de Águeda, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Oliveira



de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu, Tondela e Santa Comba Dão, através de um traçado ciclável e pedestre contínuo de cerca de 120 km, criando uma rede de Ecopistas de âmbito regional.

A Ecopista do Vouga faz parte da Rede Nacional de Ecopistas, tem estruturas de apoio e está pavimentada e sinalizada em todo o percurso. Junto de cada uma das autarquias envolvidas, poderá encontrar informação mais detalhada sobre os múltiplos troços que compõem esta grande Ecopista.

Pub. _____

Padaria/Pastelaria
S. MAMEDE

Rua S. Mamede, n.º 9 - Talhadas
Tlf.: 234 561 186
Tlm.: 964 494 812

*O nosso serviço formidável,
vai proporcionar-te o momento de saboreares,
o nosso pão quentinho a sair do forno.
Na Padaria Pastelaria S. Mamede,
tudo o que confecciona
é com dedicação,
desde a requiefa
ao mais simples dos doces!
Visite-nos!*

Rest O CORTIÇO

‘O CORTIÇO’ DE SEMPRE COM NOVA MÃO FAMILIAR

Sónia Ferreira e Marta Ferreira, mãe e filha, agarraram no emblemático ‘O Cortiço’, em Sever do Vouga, paragem obrigatória para os amantes de gastronomia tradicional regional e nacional.

Vitela em forno de lenha, cabrito assado, rojões tradicionais, picanha e o bacalhau à Cortiço gratinado no forno acompanhado com puré e legumes, são algumas das iguarias recomendadas pelas anfitriãs. Todas as quintas-feiras, há Cozido à Portuguesa, outra joia de coroa.

Sónia Ferreira, severense de gema e na área da restauração há 25 anos, 12 dos quais com a primeira gerência d’O Cortiço, quer começar a fazer com mais frequência o seu famoso arroz de tamboril. Para o futuro, a proprietária e cozinheira

quer reabilitar a esplanada com a emblemática vista para a serra pontuada de floresta.

Para além das refeições do dia-a-dia, o restaurante oferece serviços de organização de eventos, com possibilidade de utilização do espaço d’O Cortiço, serviço de catering ou recolha de comida por parte do cliente.

A zona de refeições e o espaço para eventos têm uma capacidade conjunta para 250 pessoas. A decoração é caprichosa, não fosse essa outra das paixões de Sónia Ferreira. A também florista faz questão de manter a tradição de colocar um arranjo de flores naturais no centro de cada mesa. Para batizados, comunhões, aniversários, festas de convívio, casamentos ou outras ocasiões especiais, não hesite.



Especialidades:

- » Vitela em Forno de Lenha
- » Cabrito Assado
- » Rojões Tradicionais
- » Picanha
- » e Bacalhau à Cortiço

R. do Parque 23
3740-235 Sever do Vouga

234 598 125

Terça-feira a sábado 9h-22h

Domingo 9h-15h

Encerra à segunda-feira

CARTÃO-POSTAL DE SEVER DO VOUGA a monumental Ponte do Poço de Santiago

Edição e fotografia por: Beatriz Ribeiro

Aqui já passou o Vouguinha, o antigo, que deixava a grande corrente de fumo e acordava os moradores de madrugada. Construída no início do séc. XX, a Ponte do Poço de Santiago é a fotografia postal do concelho de Sever do Vouga. Projetada e orientada por dois franceses, é a ponte em pedra mais alta de Portugal.

Ao viajar ao longo da acidentada EN 16, é inevitável lançar o olhar, por entre as curvas que se ergue à beira-rio, na Ponte do Poço de S. Tiago, projeto de engenharia de inícios do século passado que virou monumento regional. Afinal, é a ponte de pedra mais alta do país. Tem 28 metros de altura e 165 metros de comprimento, sustentados por onze arcos de volta perfeita, com o de maior alçada a acompanhar a largura total do leito do Vouga.

A 'Ponte do Vouga' ou a 'Ponte do Poço', como é chamada, foi construída entre 1912 e 1913, com projeto de Paul Sejourné e orientação de François Mercier, ambos franceses, tendo como sua semelhante a ponte ferroviária de Eaux-salées, na Provença francesa.

Integrada na Linha do Vale do Vouga, que ligava Espinho a Viseu, também conhecida por Linha do Vale das Voltas, pelas sucessivas curvas sinuosas, a Ponte do Poço viu por si passar o Vouguinha, o comboio a vapor, que depois passou a diesel, hoje recuperado, numa outra versão, para passeios turísticos.

Alguns habitantes guardam na memória de serem despertados pelo som característico do Vouguinha,

fosse a passar com passageiros ou de madrugada para deixar cereais na Fábrica de Massas do Vouga, que chegou a ser a maior empregadora da região. Hoje, a indústria preserva erguidos os enormes silos e a fachada foi restaurada.

A 1 de Janeiro de 1990 a linha de Sernada a Viseu foi encerrada definitivamente. No século XXI, o canal ferroviário, dentro do concelho, foi convertido numa ecopista ciclável, Ecopista do Vouga, e a velha estação de Paradela transformada em espaço de apoio aos visitantes, com bar e aluguer de bicicletas.



FOTO: Manuel Ferreira

Pub. _____





MATRIARCA

RESTAURANTE

UMA HOMENAGEM ÀS RAÍZES E À TRADIÇÃO!

Vale de Cambra | 933 303 069 | matriarca.rest@gmail.com



PRAIA FLUVIAL DA QUINTA DO BARCO, LAZER PARA TODOS

Fotografia e Edição de Texto por: Beatriz Ribeiro

Mergulhe nas águas frescas do Vouga, relaxe à sombra das árvores centenárias ou parta a aventura num passeio de canoa rodeado de natureza vibrante: a Praia Fluvial da Quinta do Barco, em Sever do Vouga, é o destino perfeito para quem procura lazer, tranquilidade e acessibilidade. Com piscina flutuante, zonas de merendas, trilhos e equipamentos para atividades como arborismo e slide, é um espaço pensado para todos, distinguido com Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e selo Praia Acessível. Junte a família ou os amigos e venha descobrir porque esta praia é muito mais do que um simples lugar para mergulhar — é um convite a viver o rio!



A praia fluvial da Quinta do Barco está localizada na margem esquerda do Vouga, na freguesia de Paradelia do Vouga e ao lado da ponte que atravessa o rio para a freguesia de Pessegueiro do Vouga. Pelo que, costuma ser referida por quem bem a conhece como “a praia fluvial em Pessegueiro”.

Para além da inegável beleza natural e da famosa piscina flutuante inserida no rio, a praia está equipada com balneários, parque infantil e equipamento para atividades desportivas como canoagem, arborismo, escalada, slide ou paintball no parque aventura.

O espaço conta ainda com duas zonas de merendas, uma à entrada, onde se encontra um bebedouro verde da marca Alba; e outro junto à praia, que inclui um baloiço com vista para o rio e vegetação que desenha a paisagem.

AZUL E INCLUSIVA

A Praia da Quinta do Barco foi distinguida com a Bandeira Azul, bandeira Qualidade de Ouro e selo de Praia Acessível. A bandeira azul é anualmente atribuída pela Fundação para a Educação Ambiental a praias e marinas que cumpram um conjunto de requisitos de qualidade ambiental, segurança, bem-estar, infraestruturas de apoio, informação aos utentes e sensibilização ambiental. A praia severense tem bandeira azul desde 2011.

A qualidade da água é reforçada pela bandeira “Qualidade de Ouro”, entregue pela Quercus. Em 2006, tornou-se uma ‘Praia Acessível’ por estar dotada de infraestruturas adequadas a pessoas com mobilidade reduzida, com passadiço de madeira de acesso à água e uma cadeira anfíbia.

A todos, recomendam-se os cuidados inerentes a qualquer praia fluvial, sobretudo associados à mudança de comportamento do rio de ano para ano, como

fundões abertos pela corrente e material submerso invisível como restos de árvores. A água doce não tem a mesma flutuabilidade que a do mar e a ausência de agitação pode criar uma falsa sensação de segurança, pelo que, recomenda-se atenção às correntes.

POSSÍVEIS VISITANTES

A jusante da Ponte de Pessegueiro, o rio Vouga é um Sítio de Importância Comunitária (SIC), uma classificação que teve na sua origem a intenção de salvaguardar os peixes migradores protegidos na Europa, como é o caso do sável, da savelha, da lampreia-marinha e da enguia; comuns na zona.

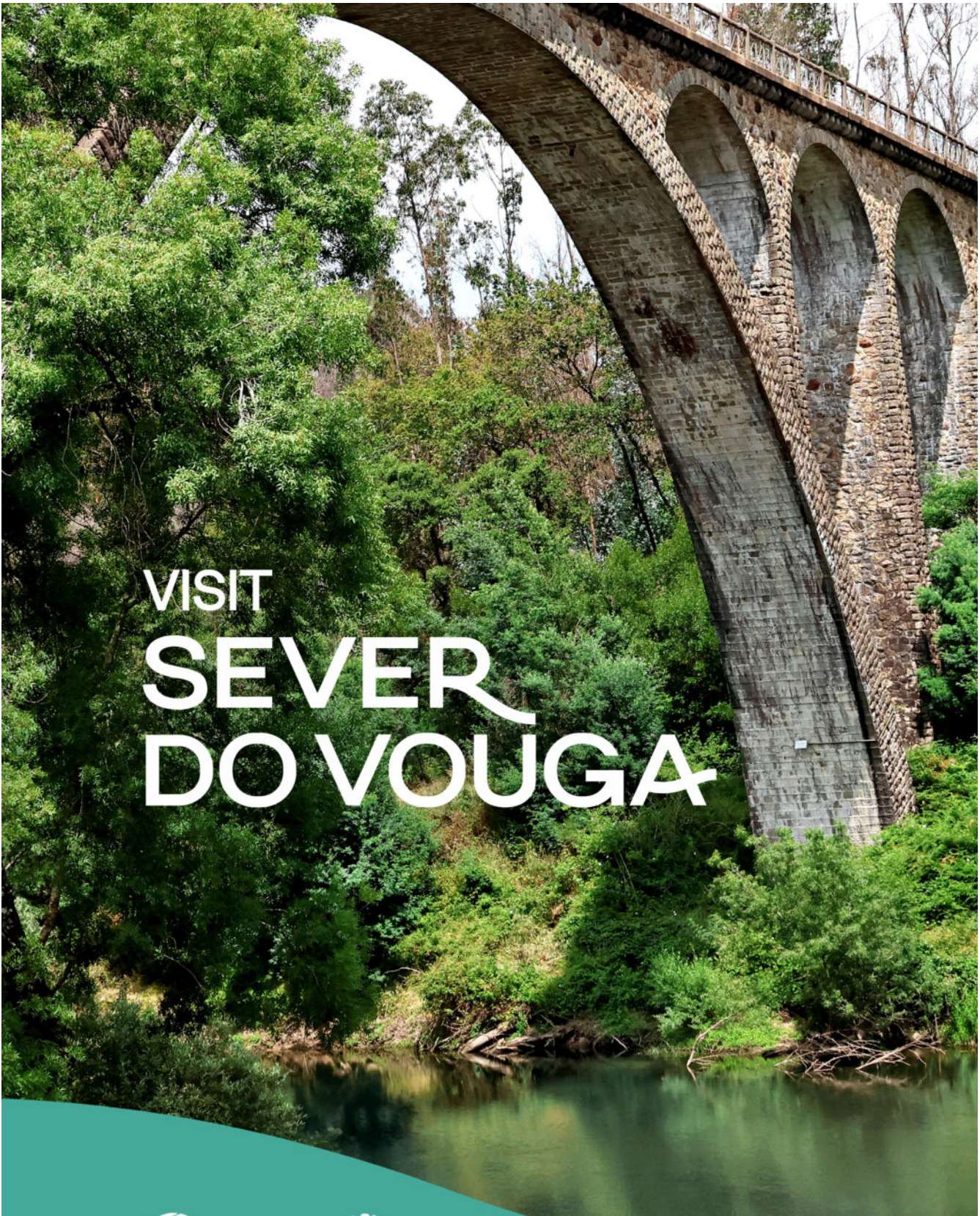
A este elenco de espécies protegidas, juntam-se a lampreia-de-rio, o ruivaco, o bordalo, a boga e o barbo. Nestas águas podemos ainda encontrar o mexilhão-de-rio-pequeno, a macrómia e a libélula-esmeralda.

A lontra tem no Vouga farto alimento e é avistada com alguma frequência, tal como a borboleta apatura-pequena que, apesar de mais rara, forma aqui uma das mais importantes populações conhecidas em Portugal. O guarda-rios, com as suas cores vivas, é facilmente avistado nas constantes pescarias que faz ao longo do Vouga.

O início do Sítio de Importância Comunitária começa no açude da Grela, obra que visa o aproveitamento hidroelétrico das águas do Vouga, e estende-se por mais de 2769 hectares até Segadães, já no município de Águeda.

Para explorar a área, recomenda-se um passeio de canoa pelo leito do Vouga ou uma caminhada pelo Trilho dos Moinhos (7,7 Km Circular), que vai do lugar do Soutelo até ao Rio Vouga. Em alternativa, se a energia faltar, pode caminhar pela antiga linha de comboio, revitalizada como ecopista pedonal e ciclável.





VISIT SEVER DO VOUGA



SEVER
DO VOUGA
município



VISIT
SEVER
DO VOUGA

PALHEIROS DA COSTA NOVA

Riscas, memória e mar

Edição e fotografia por: Beatriz Quaresmaww



Entre o Atlântico e a ria, os palheiros às riscas da Costa Nova contam histórias de pescadores, nevoeiros e verões felizes. Mais do que postal turístico, são memória viva de uma comunidade que pintou a madeira com cor e tradição.

Entre a ria e o mar, as casas às riscas da Praia da Costa Nova, em Ílhavo, parecem saídas de um postal, mas guardam muito mais que cor. Os emblemáticos palheiros contam histórias de uma comunidade que aprendeu a viver com o Atlântico, pintando fachadas para que até a neblina não as escondesse.

No início do século XIX, a Costa Nova era apenas um extenso areal desabitado. Foi com a fixação da barra da Ria de Aveiro, em 1808, que surgiram os primeiros palheiros, erguidos pelos pescadores sobre estacarias, numa lógica palafítica, para proteger barcos, redes e peixe da areia, vento e cheias. Usavam madeira e engenho, materiais leves e abundantes, construindo abrigos temporários que se tornaram parte da paisagem.

A pintura às riscas verticais nasceu da necessidade: numa zona de nevoeiros frequentes, cada família escolhia cores contrastantes para identificar o seu palheiro a partir do mar. O que começou como solução prática transformou-se numa marca estética, tornando os palheiros inconfundíveis. Com o tempo, foram adaptados a casas de férias ou residências permanentes, ganhando divisões internas, decorações com conchas, velas e cores vivas. O palheiro passou de abrigo modesto a símbolo elegante de veraneio.

Desde 2004, estas casas tornaram-se imagem de marca de Portugal, impulsionadas por uma fotografia que correu o mundo no Europeu de Futebol desse ano. Mas para quem nas-

ceu ou vive em Ílhavo, os palheiros sempre foram mais do que atração turística: são memórias de uma relação antiga entre povo e mar.

Entre todos, destaca-se o Palheiro José Estêvão, construído em 1808 e mais tarde comprado pelo parlamentar que lhe deu nome. Mantendo o tom vermelho ocre original, foi ponto de encontro de figuras como Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins — um refúgio cultural num areal que começava a ganhar fama.

Hoje, a Costa Nova é um dos destinos mais apreciados da região Centro. Famílias em férias dividem espaço com praticantes de vela, surf, bodyboard ou stand up paddle. Na marginal da ria, os clubes náuticos, restaurantes de peixe fresquíssimo e o Mercado do Peixe convidam a saborear o Atlântico. Do lado do mar, o Cais Criativo é espaço cultural para exposições, arte e passeios ao fim da tarde.

Quem quiser prolongar a estadia encontra alojamentos com charme, como a Casa da Costa Nova, com vista para o Canal de Mira e acesso direto à praia —

um lugar perfeito para adormecer ao som das ondas e acordar com a luz dourada da ria.

A arquiteta Nide Santos, estudiosa da arquitetura local, vê nos palheiros um prenúncio da modernidade: simplicidade funcional, adaptação ao território e autenticidade. Quase como se antecipassem princípios que mais tarde fariam escola, lembrando que, em Portugal, a arquitetura nasceu também da necessidade.

Entre cores vibrantes, dunas, mar e ria, os palheiros continuam a encantar quem passa. Mais do que casas às riscas, são pedaços vivos de história, prova de que Portugal é, acima de tudo, um país de marinheiros, memória e identidade.



Pub





Conheça o novo almoço Buffet de Domingo!
Vista panorâmica sobre a cidade e a ria de Aveiro

VISITE-NOS

WWW.HOTELIMPERIAL.PT

reservas@hotelimperial.pt · 234 380 150 | 919 935 178



Hotel Imperial
Aveiro

Rua Dr. Nascimento Leitão | 3810-108 Aveiro

FAROL DA BARRA

o maior da Europa

Edição e Fotografia por: Beatriz Ribeiro



As tiras vermelhas e brancas avistam-se de qualquer proximidade. O Farol da Barra nasceu em ideia em 1866 e entrou em funcionamento em 1893. Com 62 metros de altura, é o maior do país e da Europa. Todos os anos, milhares de turistas que desfrutam de uma bela vista costeira.

Admirável que chegue por fora, com as emblemáticas riscas vermelhas e brancas, o Farol da Barra é visitado anualmente por milhares de turistas que, após uma subida de 288 degraus, desfrutam de “uma das melhores paisagens costeiras do país”, como promete a autarquia ilhavense, no website municipal.

À data da sua construção, o Farol era o sexto maior do mundo, em alvenaria de pedra. Atualmente, é o maior do país e da Europa; e o 26.º mais alto do mundo. O monumento tem 62 metros de altura e 66 metros de altitude – altura medida em relação ao nível do mar.

É na imponente torre cilíndrica que se situa a principal componente do farol: a potente lâmpada que projeta um feixe luminoso visível a 23 milhas náuticas de distância, cerca de 40 quilómetros.

Ver o gigante por dentro não é fácil, mas é possível. **As visitas realizam-se às quartas-feiras, a partir das 14h.** As subidas efetuam-se em grupos até 6 pessoas e as marcações para os diferentes horários disponíveis fazem-se por ordem de chegada, sem possibilidade de agendamento.

Se chegar às 14h, é quase certo que encontrará já fila para marcação. A visita implica a subida dos mais de 200 degraus, sem alternativa para chegar ao topo do Farol sem ser pela escadaria.

A ÁGUA COMO CONTADORA DE HISTÓRIAS

Edição e fotografia por: Beatriz Quaresma

Entre a ria e o mar, o Museu Marítimo de Ílhavo celebra, com beleza e rigor, a memória viva das gentes do mar — da pesca do bacalhau à fé que guiava os navegadores.

A visita começa com uma viagem à “Faina Maior”, onde um navio bacalhoeiro, cortado longitudinalmente e em tamanho real, dá a conhecer os bastidores das longas campanhas nos mares da Gronelândia e da Terra Nova. Por entre apetrechos, salgas, redes e camarotes, é fácil imaginar a dureza da vida no mar e a resiliência de quem ali passava meses a fio.

Em seguida passa-se para a “Sala da Ria” que nos transporta para o universo lagunar de Aveiro. Moliceiros, mercantéis, botes — todos em tamanho real — revelam os modos de vida e os saberes seculares das comunidades ribeirinhas. As proas coloridas e satíricas dos barcos, com as suas pinturas singulares, são uma verdadeira galeria de arte popular.

Uma das maiores surpresas do museu é o Aquário dos Bacalhaus, inaugurado em 2013. Com 120 mil litros de água salgada e uma temperatura controlada para replicar o habitat natural do bacalhau, dá a conhecer o “fiel amigo” dos portugueses.

Na “Sala das Máquinas”
recria-se o barulho ensurdecedor dos motores que faziam o arrastão avançar

Pub. _____

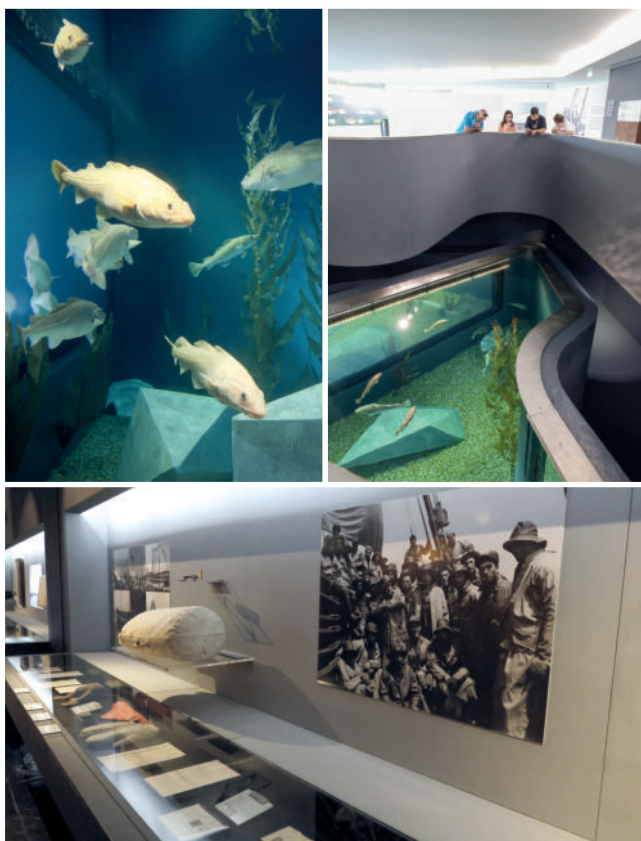


969 313 362
geral@chaledeaveiro.pt • www.chaledeaveiro.pt



SÓNIA PATRÍCIA DE SOUSA LIMA
INTERMEDIÁRIO DE CRÉDITO REGISTADO NO
BANCO DE PORTUGAL COM O N.º 0007134

Intermediação:
967 121 819
sonialima.intermediacao@gmail.com • www.sonialima.pt



A experiência completa-se com uma visita ao Navio-Museu Santo André, antigo arrastão bacalhoeiro construído em 1948 e hoje ancorado na Gafanha da Nazaré, junto ao Parque do Oudinot. O acesso ao navio exige alguma agilidade – não está adaptado a pessoas com mobilidade reduzida – mas compensa pela imersão que proporciona na rotina dos pescadores. Da casa das máquinas às áreas de salgas, ainda com o cheiro característico, da cozinha aos quartos, cada espaço preserva o espírito de uma época em que o mar era ganha-pão, aventura e sacrifício.

Em 2012 nasceu o CIEMar, que dinamiza projetos, conferências e exposições sobre o mar. Em 2021, abriu o Centro de Religiosidade Marítima, espaço emotivo que revela a fé dos pescadores através de ex-votos, imagens e promessas.

Com espaços amplos, uma arquitetura premiada e uma museografia inteligente, o MMI é uma referência nacional e internacional.

INFORMAÇÕES

Horário de funcionamento: Terça a sábado das 10h -13h e das 14h-18h (última entrada às 17h15); Domingo 14h 18h;

Contactos: museuilhavo@cm-ilhavo.pt e 234 329 990

Pub.



CHURRASQUEIRA
INÁCIO DOS FRANGOS

**PRESENTE NAS FEIRAS,
MERCADOS DA ZONA E
TODO O TIPO DE EVENTOS**






910 615 149

INÁCIO DOS FRANGOS

**Agora com nova imagem,
mesma qualidade de sempre**



siga-nos

LUXO, TRABALHO E LEGADO

com 200 anos de história

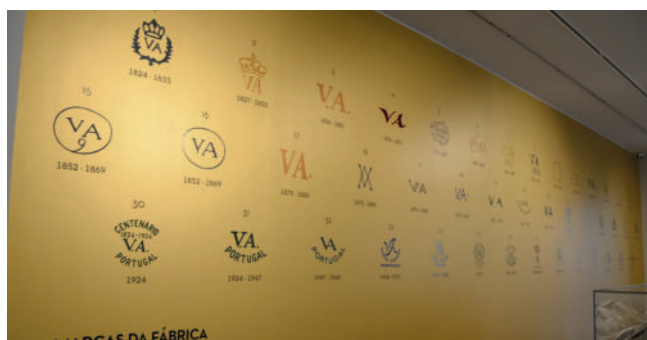
Edição e Fotografia por: Beatriz Ribeiro

Pioneira no fabrico industrial de porcelana, a história da Fábrica da Vista Alegre mistura-se com a do país. Afinal, já lá vão 200 anos. A marca nascida em Ílhavo foi também a primeira a criar uma dinâmica entre trabalhadores, nos bairros operários construídos pela própria, nunca antes vista – de onde nasceram uma banda, teatro, cinema, um grupo desportivo e até uma corporação de bombeiros.

Fundada em 1824, a Vista Alegre não é apenas uma fábrica: é um símbolo vivo da memória, arte e indústria portuguesas. Foi José Ferreira Pinto Basto, comerciante visionário, quem pediu ao rei D. João VI autorização para criar uma grande unidade de produção de porcelana, vidro e cerâmica em Ílhavo. Nascia assim a primeira fábrica nacional dedicada à porcelana, que depressa conquistaria o título de Real Fábrica.

No **Museu Vista Alegre**, completamente renovado entre 2014 e 2016, os visitantes mergulham numa viagem que atravessa dois séculos. Entre antigos fornos, bustos do fundador, desenhos, medalhões e peças raras, descobre-se como a marca evoluiu tecnicamente, acompanhando mudanças de gosto, estilos artísticos e grandes transformações políticas e sociais. Mais de 30.000 peças testemunham este percurso, onde tradição e inovação sempre caminharam lado a lado.

A história da Vista Alegre é também feita de pessoas. Desde cedo, a fábrica criou um **Bairro Operário**, com casas, escola, cooperativa, banda filarmónica e até uma Corporação de Bombeiros própria, fundada em 1880 e



Pub. _____



COM A QUALIDADE E CONFORTO HABITUAIS,
ESCOLHA UMA DAS QUATRO OPÇÕES QUE TEMOS PARA SI NA CIDADE DOS CANAIS

WWW.VENEZAHOTEL.PT

WWW.WELCOMEIN.PT

WWW.HOSTELCIDADEAVEIRO.PT

WWW.HOTELJARDIM.PT



considerada a mais antiga corporação privada do país. Inspirado na ideia de cidade-jardim, o bairro mantém ruas arborizadas, zonas verdes e uma malha urbana pensada para integrar diferentes funções sociais.

Ao lado do museu, encontra-se a **Capela de Nossa Senhora da Penha de França**, monumento nacional e verdadeiro ex-libris da Vista Alegre, e a **Oficina de Pintura Manual**, onde se pode observar ao vivo o cuidado e mestria das pintoras que mantêm viva a arte do detalhe.

O legado vai além da porcelana: foi a família Pinto Basto quem trouxe o futebol para Portugal, organizando o primeiro jogo em solo nacional em 1886. O **Sporting Clube da Vista Alegre**, criado pela fábrica, ainda hoje dinamiza o desporto e a cultura local.

Hoje, o **Lugar da Vista Alegre** reúne passado e presente: museu, capela, oficina, lojas Vista Alegre e Bordallo Pinheiro, outlet, cafetaria e até hotel. É possível percorrer o bairro histórico e sentir a alma de um espaço onde nasceram objetos que hoje estão em mesas de todo o mundo — desde serviços criados para reis e rainhas até peças modernas premiadas internacionalmente.

Horário: maio a setembro: 10h00–19h30; outubro a abril: 10h00–19h00; 24 e 31 de dezembro até às 18h00. Última entrada: 45 minutos antes do fecho. Para visitar a capela, é necessário marcar a receção.

Descubra um lugar único onde arte, história e indústria se encontram — e onde, mesmo após 200 anos, a porcelana continua a ser pintada com o mesmo cuidado artesanal que fez da Vista Alegre uma referência mundial.



Pub. _____



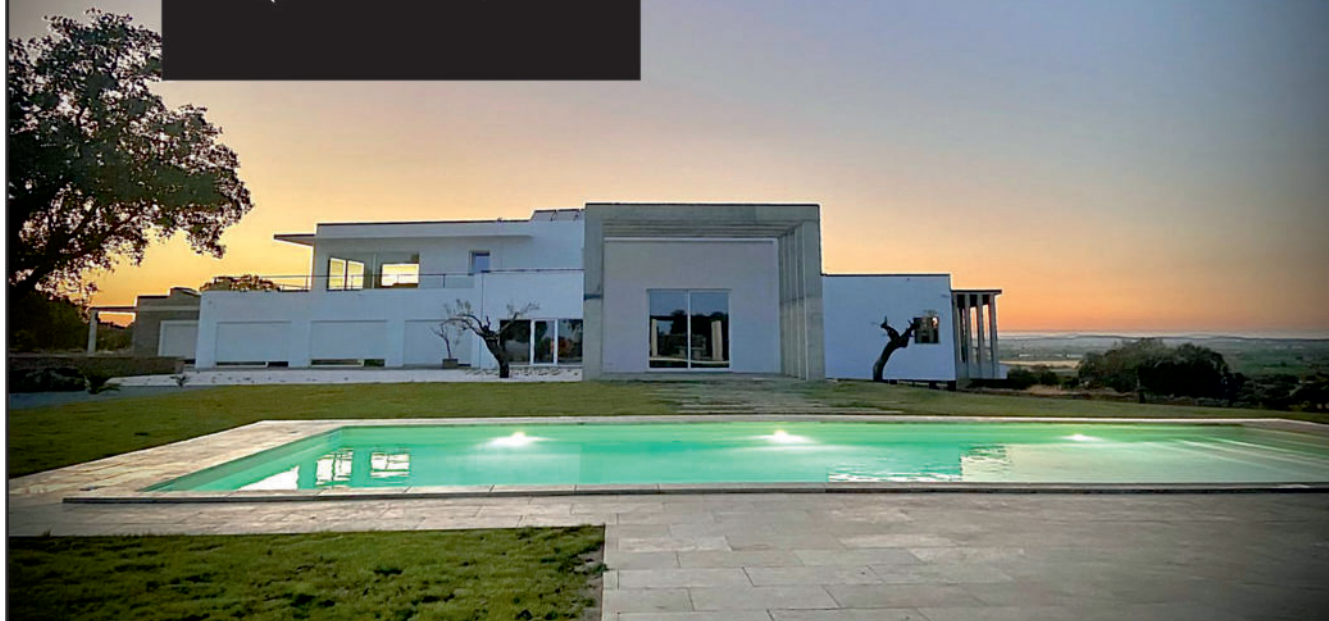
Um espaço de lazer e diversão constituído por duas piscinas, centro de interpretação do Vouga, parque de merendas, campo de voleibol e percurso pedonal, bar/restaurante.

**DE NOVENBRO A JUNHO,
JANTARES E FESTAS DE ANIVERSÁRIO
SÓ COM MARCAÇÃO.**

AquaVouga Bar
Sejães, Portugal
912 711 177
aquavougabar@gmail.com
10:00h – 20:00h
Encerrado à segunda feira
@aquavougabar

Herdade Vale Castelo

• *Agro-Turismo* •



Pequeno-Almoço

Piscina Exterior

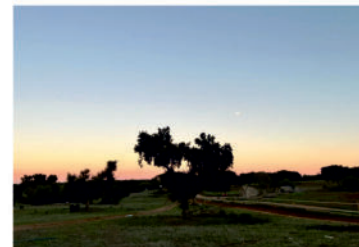
Quartos Familiares

Quartos para Não Fumadores

Acessível a Pessoas com
Mobilidade Reduzida

Acesso Wi-Fi Gratuito

Estacionamento Gratuito



Para informações e reservas:

herdadevalecastelo@gmail.com

Reguengos de Monsaraz

Antiga Casa da Capitania de Aveiro



Com arcos sobre o Canal do Côjo, a antiga Casa da Capitania é um ícone de Aveiro, testemunho da forte ligação da cidade ao mar e à ria. Fundada no século XV, foi moinho de maré, apoio à Vista Alegre e, no século XX, sede da autoridade marítima local. Em 1903, ganhou traços Arte Nova pelas mãos do arquiteto Silva Rocha. Desde 1992, desativada como capitania, renasceu como espaço cultural. Requalificada em 2003, acolhe hoje a Galeria da Antiga Capitania, com exposições temporárias, mantendo viva a memória marítima de Aveiro. Reconhecida como Imóvel de Interesse Público, é uma paragem obrigatória para quem quer descobrir história, arte e património no coração da cidade.

Centro de Congressos

Com chaminé alta e fachada em tijolo vermelho, a antiga Fábrica de Cerâmica Jerónimo Pereira Campos é hoje o Centro de Congressos de Aveiro. Fundada em 1896, destacou-se por produzir tijolo e telha tipo Marselha, sendo única entre Porto e Pampilhosa. Construída entre 1915 e 1917, foi motor da economia local até aos anos 1960. O edifício, projetado por José Maria Olímpio, mantém grandes janelas em arco e antigos fornos visitáveis, recordando o passado industrial. Desde 1995, acolhe eventos nacionais e internacionais, reunindo história, arquitetura e modernidade junto ao Canal do Côjo. É gerido pela Câmara Municipal e alberga também serviços como o IEFP, mantendo viva a memória cerâmica de Aveiro.



Museu Arte Nova

Aveiro, apelidada de Cidade-Museu de Arte Nova, integra o Réseau Art Nouveau, destacando-se entre as 20 cidades que melhor preservam este estilo. O maior símbolo local é o Museu Arte Nova, antiga Casa Major Pessoa, construída entre 1907 e 1909. Com fachadas ondulantes, flores, animais esculpidos e detalhes em azulejo, revela a essência do movimento: arte no quotidiano. No interior, o visitante descobre exposições permanentes, objetos decorativos, obras de artistas como Mucha e Klimt, e uma escadaria em espiral com ferro forjado vegetalista. A visita culmina na romântica Casa de Chá, onde azulejos e mobiliário transportam ao início do século XX, celebrando a harmonia entre arte e vida.



Pub. _____



Desfrute das paisagens únicas
e conheça os nossos costumes

Visite-nos



Rua Bento Moura, 34 | 3800-114 Esgueira

234 311 170 | 917 255 948

jfesgueira@gmail.com

www.jf-esgueira.pt

**VISITE
AVEIRO**

Há sempre um bom
motivo para visitar
AVEIRO.

Conheça aqui os principais eventos de 2025 |



ANTIGA ESTAÇÃO DE COMBOIOS

uma pérola azulejar

*Edição de Texto por: Beatriz Ribeiro
Fotografia por: Beatriz Quaresma*



O pescador, a varina e a tricana; paisagens regionais e produtos locais estão representados, entre outros elementos característicos de Aveiro, nos 59 painéis de azulejo que pintam a fachada da antiga Estação de Comboios de Aveiro. Hoje, o espaço serve como porta de descoberta à cidade e região, tendo sido requalificado para albergar um posto turístico e informativo.

Inaugurada em 1864, a antiga Estação de Aveiro rapidamente se revelou pequena para o aumento do tráfego ferroviário. Em 1915, foi decidido ampliar o edifício com um projeto de inspiração “casa portuguesa”, inaugurado no ano seguinte, que lhe conferiu uma identidade arquitetónica única e fortemente regional.

Situada na zona Este da cidade, destaca-se pelos 59 painéis de azulejo azul e branco criados por Francisco Pereira e Licínio Pinto na Fábrica da Fonte Nova, datados de 1916. Estes painéis representam figuras típicas da região, como o pescador, a varina e a tricana, bem como paisagens, cenas ferroviárias, atividades turísticas e a produção vitivinícola da Bairrada. Todos são enriquecidos com frisos e detalhes decorativos a amarelo que enquadram portas e janelas, dando ainda mais destaque ao conjunto.

Após anos de encerramento, o edifício foi requalificado num investimento da Câmara Municipal de Aveiro de cerca de um milhão de euros, preservando cuidadosamente o traçado original e recuperando os painéis que são hoje um verdadeiro ex-líbris da cidade.

Reaberta em julho de 2021, a antiga estação ganhou nova vida como posto de atendimento turístico municipal e loja de produtos regionais, como ovos-moles, sal de Aveiro e vinhos da Bairrada. No primeiro piso, existem salas multiusos disponíveis para eventos, conferências e exposições.

Mais do que um edifício histórico, a antiga Estação de Aveiro é hoje um espaço que une passado e presente, celebrando a identidade local e convidando turistas, moradores e novos visitantes a descobrir a arte, a tradição e a história que moldam a cidade.

IGREJA QUE RESISTE

ao fogo, ao tempo e à história

Edição e Fotografia por: Beatriz Quaresma

Entre lendas medievais, bulas papais e um incêndio devastador, a atual Sé de Aveiro guarda séculos de espiritualidade e património. Erguida por ordem divina, reconstruída com arte e requalificada com a assinatura de Siza Vieira, a antiga igreja do convento dominicano continua a marcar o coração da cidade.

A atual Sé Catedral de Aveiro, antiga igreja do Convento de São Domingos, nasceu de uma lenda medieval: segundo Frei Luís de Sousa, Nossa Senhora teria aparecido a Afonso Domingues, indicando-lhe o local onde deveria erguer-se o mosteiro. Com apoio do Infante Dom Pedro e do rei D. Duarte, a primeira pedra foi lançada em 1423, reforçada por bula papal.

Dedicada inicialmente a Nossa Senhora do Pranto, o templo resistiu à extinção das ordens religiosas em 1834 e a um incêndio em 1843 que destruiu quase todo o convento, mantendo-se sempre como Igreja de São Domingos. Em 1938, tornou-se Sé Catedral, consolidando o seu papel central na cidade.

De planta em cruz latina, reúne elementos renascentistas, barrocos e rococó, como o portal de 1719, o retábulo da Visitação (1559), painéis de azulejo setecentista e um cadeiral do século XVIII. O retábulo-mor policromado veio da igreja da Vera Cruz, e em 2013 foi instalado um novo órgão.

Em 2024, foi requalificada e ganhou um monumento evocativo da antiga muralha, num projeto de Siza Vieira. Hoje, a Sé de Aveiro continua a ser testemunha viva de fé, arte e história local.



SABIA QUE?

Na fachada da Sé de Aveiro, o portal barroco de 1719 é ladeado por colunas pseudosalomónicas e decorado com esculturas que simbolizam a fé, a esperança e a caridade — valores centrais da tradição dominicana.

Pub. _____



FORNO A LENHA

· qualidade reconhecida ·

RESERVAS 234 314 081 · 917 089 657

Av da Europa, N°431 B | 3800-227 Esgueira - Aveiro



MUSEU DE SANTA JOANA

lugar de muitas histórias

*Edição de Texto por: Beatriz Ribeiro
Fotografia por: Beatriz Quaresma*

Entre as pedras antigas do Convento de Jesus, ecoam séculos de devoção, memórias e arte. Aqui viveu a princesa D. Joana, filha de Afonso V, beatificada pela sua santidade. Hoje, o Museu de Aveiro preserva este legado único, onde talha dourada, mármore e azulejos contam histórias intemporais.

O Museu de Santa Joana, em Aveiro, é muito mais do que um espaço expositivo: é o guardião vivo da memória de séculos de história, fé e arte que marcaram a cidade. Instalado no antigo Convento de Jesus, fundado em 1458 por D. Brites Leitão e D. Mécia Pereira, o museu deve grande parte do seu prestígio à presença da princesa D. Joana, filha de Afonso V, que aqui entrou em 1472 e levou uma vida de devoção e clausura que lhe valeu a beatificação em 1693.

Ao longo dos séculos XVI a XVIII, o convento foi crescendo em dimensão e beleza, com sucessivas campanhas de enriquecimento artístico, visíveis hoje na sumptuosa talha dourada, azulejos portugueses e esculturas. Em 1834, a extinção das ordens religiosas pôs fim à comunidade dominicana, embora a clausura tenha permanecido até 1874. Mais tarde, o edifício acolheu o Colégio de Santa Joana, até ser encerrado em 1910. O Museu de Aveiro foi então instalado em 1911, preservando e mostrando ao público este importante legado.

O percurso do museu está dividido entre o circuito monumental e a exposição permanente. No piso térreo,

destaca-se o túmulo barroco de Santa Joana, em mármore multicolor, obra do arquiteto real João Antunes, a Igreja de Jesus, decorada com talha e azulejos, e o claustro quinhentista com a sala do capítulo, capelas e refeitório com tribuna de leitura.

No piso superior, o visitante encontra o coro alto, capelas devocionais e duas salas que testemunham o antigo convento: a Sala de Lavor e a Capela do Senhor dos Passos. A exposição permanente inclui pintura, escultura, ourivesaria e talha, refletindo o esplendor artístico de diferentes épocas.

Visitar o Museu de Santa Joana é mergulhar na

história de Aveiro, descobrindo como fé, arte e identidade se entrelaçam num lugar único que atravessou séculos, mantendo viva a memória de uma santa e de uma cidade.

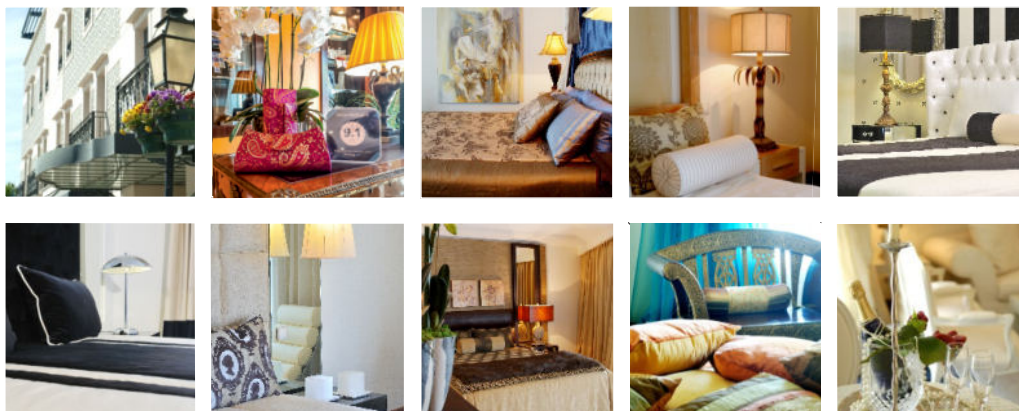




HOTEL MOLICEIRO

★ ★ ★ ★

AVEIRO - PORTUGAL



*Romântico Familiar
Charmoso*



Rua Barbosa de Magalhães 15/17 . 3800-154 Aveiro - GPS | 40.642175 -8.657703

Tel. +351 234 377 400 Tmovel. +351 964 649 619 | www.hotelmoliceiro.pt | hotelmoliceiro@hotelmoliceiro.pt

COMPANHIA UNIÃO DE CRÉDITO POPULAR

FUNDADA EM 1875

A COMPANHIA UNIÃO DE CRÉDITO POPULAR, SA (CUCP)
FESTEJOU EM 17/04/2025 OS SEUS 150 ANOS.



O que fazemos? Empréstimos sobre valores em ouro; joias; pratas de adorno de casa e relógios.

Esta longevidade só é possível porque **privilegiamos os CLIENTES**. Eles são a razão da nossa existência e continuidade. Sempre nos pautamos pela integridade e profissionalismo.

Relativamente aos valores penhorados pelos nossos clientes, ao fazerem um contrato connosco, **sabem que somos quem menos taxas lhes cobra.**

Após o empréstimo, priorizamos o pagamento de juros e amortização da dívida, em vez de avançar para a venda precoce dos mesmos - o que acontece apenas após nove a doze meses de juros em atraso. Neste momento com o ouro em alta, é uma pena os clientes venderem o que lhes pode fazer falta, face a alguma necessidade inesperada.

É sempre a mesma realidade: **trabalhar para o cliente com os olhos postos no futuro.**

Acreditamos que o valor que emprestamos por grama seja dos **melhores do mercado.**

Não aplicamos juros de mora sobre os juros atrasados.

Avisamos os clientes quando estão a ficar em atraso, para evitar que os bens sejam levados a leilão. Temos o cuidado de informar que se tiverem os juros em dia podem, em qualquer momento, amortizar um pouco a dívida e pagar menos juros.

Relembramos que os juros nos prestamistas são **15% mais baratos do que os que se pagam pelo uso do cartão de crédito.**



FICAMOS À SUA ESPERA
NUMA DAS NOSSAS CASAS EM:

Alcobaça; Amadora; Arroios; Aveiro; Braga;
Cruz de Pau; Fafe; Figueira da Foz;
Leiria; Maia; Matosinhos e 5 no Porto

VISITE-NOS em:
www.cucp.pt
e sejam nossos clientes